

Juarez Poletto

NO
LIMITAR
IMAGINAR

EDUTFPR



NO
LIMITE
IMAGINADA



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Reitor
Vice-Reitor

Marcos Flávio de Oliveira Schiefler Filho
Heron Oliveira dos Santos Lima



EDITORIA DA EDUTFPR

Coordenadora-Geral
Coordenador-Adjunto

Eunice Liu
Edson Domingos Fagundes

CONSELHO EDITORIAL

Titulares

Anais Andrea Neis de Oliveira
Antônio Gonçalves de Oliveira
Edival Sebastião Teixeira
Elisângela Dusman
Ivane Benedetti Tonial
Marcelo Gonçalves Trentin
Roberto Cesar Betini
Sara Tatiana Moreira
Wellington Ricardo Fioruci

Suplentes

Anna Luiza Metidieri Cruz Malthez
Carina Merkle Lingnau
Ivo de Lourenço Júnior
Janaína Piana
Lia Maris Orth Ritter Antiquiera
Marcelo Lambach
Mariane Kempka
Pedro Valerio Dutra de Moraes
Rodrigo Deren Destefani

NO LIMITE da IMAGINAÇÃO

Juarez Poletto

3ª edição

ED**UT**FPR

2021

© 2021 Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons -
AtribuiçãoNãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

4.0 Internacional

Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Disponível em <http://repositorio.utfpr.edu.br/>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P765 Poletto, Juarez.

No limiar da imaginação [recurso eletrônico] / Juarez Poletto.
– 3. ed.– Dados eletrônicos (1 arquivo : 122 páginas). – Curitiba
: EDUTFPR, 2021.

Modo de acesso: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/>

ISBN 978-65-88596-55-5

1. Literatura infanto-juvenil. I. Título.

CDD (22. ed) 028.5

Bibliotecária: Tatiana Campos da Hora CRB-9/1854

Design Eunice Liu

Guilherme Patury

Revisão Fabíola Junghans

EDUTFPR

Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Av. Sete de Setembro, 3165

80230-901 Curitiba PR

www.utfpr.edu.br/editora

SUMÁRIO*

6

A família

8

Um fato estranho

11

As discussões da família

14

O fenômeno

18

O desejo de cada um

23

Estranhos olhares

39

Os fazedores de ilusões

50

A ameaça Godônia

78

Guerra e Paz

108

Os portais da paz

116

Nos limites da compreensão

122

Epílogo



A
FAMÍLIA

The image features the word 'FAMÍLIA' in a highly stylized, white, geometric font. The letters are composed of sharp, angular shapes. Above the word, a large, white, stylized letter 'A' is centered. The entire composition is set against a dark purple background filled with numerous small, white, star-like specks of varying sizes, creating a starry night sky effect.

Eram três irmãs (Luana, 14 anos; Vênus, 12; Estela, 10) e um irmão, o xodó dos pais, Órion, 6 anos.

O pai, Solano Andrômeda, astrônomo com emprego no observatório estadual; a mãe, Celeste Valdeluz Andrômeda, estrela cadente, com consultório no centro da cidade. O casal, profundos conhecedores de astros e destinos, vez por outra, como é normal, provocavam, através de explosões emotivas, alguns distúrbios astrais e sobravam ardentes meteoritos para as filhas, principalmente.

As filhas eram sinônimos de seus próprios nomes: Luana, sonhadora, no mundo da lua sempre; Vênus, uma perfeição de menina; Estela, com brilho nos olhinhos faiscantes. Órion, um mundo a desvendar, incerto, fascinante, curioso, interrogativo, aberto a especulações.

À noite, era frequente vê-los todos revezando-se ao telescópio que o senhor Andrômeda instalara a uma janela de seu observatório domiciliar.

Luana não se cansava de olhar as crateras de nosso satélite natural, como quem busca descobrir algo que a visão não desvenda. Vênus especulava em torno da colocação espacial de um nosso vizinho planeta. Estela dividia a curiosidade ao observar o Cruzeiro do Sul com a Estrela de Magalhães, que não é uma, mas duas estrelas. Para Órion, o pai ajeitava o telescópio em direção à constelação, cujo nome emprestara ao filho, e o instruía, orgulhosamente, a respeito das distâncias interplanetárias e interestelares.

UM
FOTO
ESTRANHO

— Pai, o que é aquilo? Perguntou de repente Órion, que olhava ao telescópio.

— O quê?

— Ali, papai, perto da lua.

Todos olharam para a lua, fazia lua-cheia e era pleno verão curitibano. Noite limpa. Nada viam de diferente.

— Mas pai, é tão lindo! Olhe!

O pai olhou, olhou e nada viu.

— Você deve estar sonhando, filho. Já está na hora de ir para a cama.

— Pai, deixe-me ver mais uma vez?

— Está bem, a última.

— Olhem! Olhem! Vem para cá. Quantas cores! Que lindo!

— Está bem, filho, agora vá dormir com mamãe e Estela. É tarde para vocês.

Mal Órion, Estela e a mãe saíram, Luana vasculhava o espaço ao telescópio e gritou:

— Pai, estão projetando holografias com raio-laser! É colorido, muito luminoso e lindíssimo.

Novamente, Solano nada viu. Desta vez, porém, ficou intrigado.

— Filha, você não está imaginando coisas?

— Não, papai, parecia que vinha do espaço. Era como um desenho oriental, como aquele quadro que temos na sala de música, muito enfeitado.

Vênus olhou, nada constatou e dirigiu o aparelho para outra direção. Poucos instantes após:

— Um cometa! Enorme! Com cauda azul-clara!

Luana e o pai olharam na direção para a qual apontava o telescópio. Viram estrelas, lá estavam as Três Marias, e Luana viu um satélite artificial em sua trajetória silenciosa. Acompanhou-o com os olhos. O telescópio também se movia. O satélite ia meio rápido, de súbito desapareceu.

— Desapareceu o cometa, pai.

— Pai, disse Luana, eu vi um satélite artificial um pouco estranho que ia muito rápido e desapareceu no mesmo instante em que Vênus disse que desapareceu o cometa.

Solano, cientista dos astros, imaginou possíveis explicações para o que ouvia. Contudo, preferiu calar, pois nada viu e manda a prudência aguardar. Naquela noite, viram algo mais que a imensa solidão das estrelas, mas não o sabiam e foram dormir, cada qual envolto pela sua imaginação. Sonharam. Todos sonharam suavemente, um voava, outro sorria sem motivo, outro bebia uma água de límpida fonte e todos se banhavam em cascatas.

AS
DISCUSSÕES
DA
FAMÍLIA

Se à noite o pai era o consultor científico sobre os astros, durante o dia, dona Celeste exercia o controle da família. Os filhos eram fascinados pela segurança e olhar penetrante da mãe, acreditavam até que ela conhecesse seus pensamentos, o que deixava principalmente Luana embaraçada. O esposo era dominado pela meiga autoridade da esposa, que orientava o destino do marido e dos filhos durante estes dias difíceis.

Logo cedo, Vênus comentou, durante o café, sobre o possível cometa que vira na noite passada. Luana dizia ser projeção através de laser, enquanto Órion lembrava que era bonito, muito colorido.

Solano e Celeste olharam-se entre a credulidade e a fantasia. Havia uma incerteza no ar, pai e mãe, especialistas em astros, sentiam que algo não fora realmente normal no céu da noite anterior: ou um excesso de imaginação dos filhos ou algum fenômeno que, embora pudesse ser simples, não puderam ver e dele certificar-se.

Estela, com arzinho brejeiro, sugeriu:

— Será que vocês não viram um disco voador?

— Creio que não, filha, deve ter sido o reflexo do sol em algum satélite dos muitos que giram em torno da terra.

— Mas como, se estava em lugares diferentes? Observou Vênus.

— Se fosse um reflexo, todos poderiam ver, até sem telescópio, não é, mamãe? Falou Estela.

— Acabem de tomar seus cafés, se não vamos ficar até o almoço discutindo, disse a mãe.

— Papai, traga do centro aquele chocolate com figurinhas?
Pede o caçula.

Era o último dia de trabalho antes das férias. Iriam para a praia, pois todos já estavam gozando férias escolares.

Em casa, enquanto se faziam os preparativos para a viagem, continuava o debate sobre o que teriam visto na noite anterior.

Ao meio-dia, no jornal da TV, todos ouviram, atônitos e também aborrecidos, que uma nova experiência fora feita, na noite anterior, utilizando-se satélites artificiais. O objetivo da experiência era o domínio de raios luminosos no espaço.

Ficava assim tudo esclarecido. Pena que já haviam projetado tantas expectativas sobre o que viram... Tudo deu em nada. Estavam, à tarde, desanimados, principalmente Vênus e Luana, esta por ser sonhadora incorrigível, aquela pela beleza que desfrutou e a esperança de tornar a vê-la.

O

FENÔMENO

Passeava a família inteira pela praia já deserta, defronte à casa que alugaram na pequena cidade praiana. Iam distraídos, aproveitando a brisa marítima que soprava cálida. Enganchados um no braço do outro, formando uma corrente humana. Estela e Vênus, com os pés dentro da água, os outros na areia úmida. A conversa estendia-se mansa como as ondas na areia, o céu, um pouco coberto, algumas nuvens negras prenunciavam possível chuva. Fazia já duas semanas que usufruíam daquele ambiente relaxante.

Uma luminosidade tenra foi rasgando as nuvens lentamente e todos olham para cima, apreciando o fenômeno.

— Que lua linda!

—Puxa! Exclama Solano.

— Está menos amarela, observa Celeste.

— Um pouco azulada até, comenta Vênus.

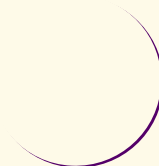
— Que linda! Repete Luana.

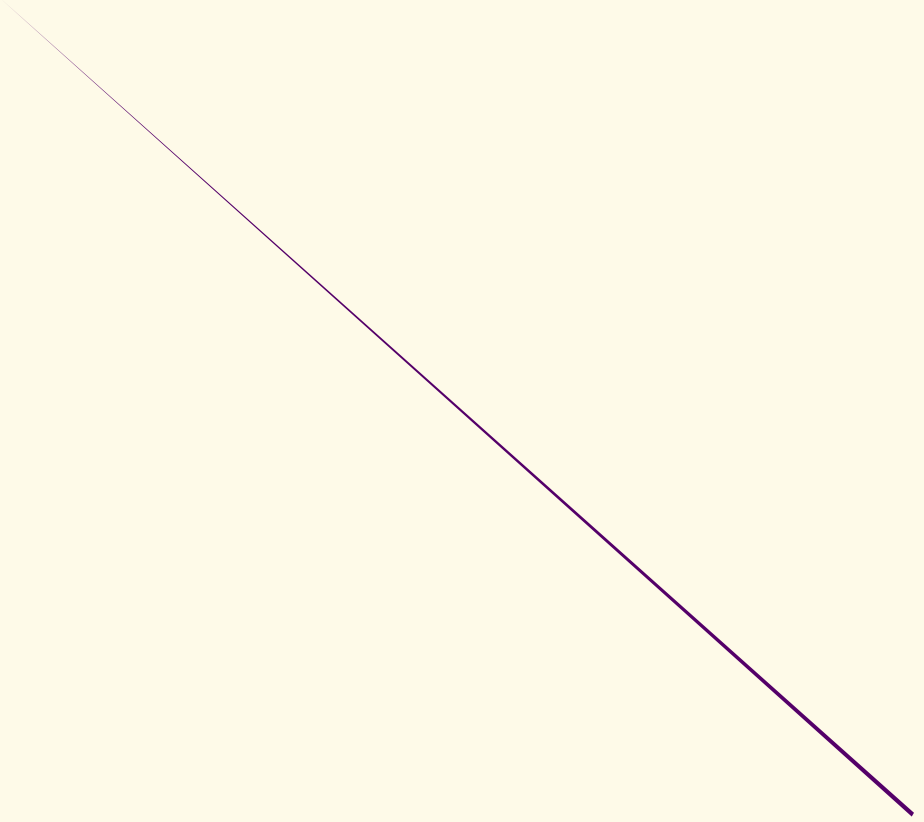
— Parece baixinha, fala Órion.

— Esta lua não tem dragão de São Jorge! Exclama Estela.

— De repente, a lua, girando, parece cair sobre eles. Uns se seguram nos outros, atemorizados e curiosos. Ninguém corre. Atônito, Solano cochicha à mulher:

— Hoje é lua nova.





A luminosidade vai se tornando mais intensa e não é mais uniforme, muitas cores emanam daquela bola, a princípio confundida com a lua. Todos se seguram, mas não tiram os olhos daquele globo. Ninguém tem medo. Estão maravilhados. A beleza é tão grande que fascina e qualquer apreensão se esvai. As luzes os envolvem e são tão fortes que precisam fechar os olhos. Sentem um formigamento percorrendo o corpo.

U
A B C D E
A B
C D E
L M

Há um silêncio absoluto, e, aos poucos, vão todos abrindo os olhos.

De mãos dadas, muito juntos se protegendo mutuamente, constataam não estarem mais na praia. Olham em torno e se entreolham interrogativos.

Estavam num ambiente de pequenas dimensões, circular, na penumbra. A coloração verde-clara predominava. Nada ouviam. Abriu-se uma espécie de porta como se fosse de energia, pois a passagem simplesmente se desmaterializou. A família sentiu o desejo de atravessar a abertura e, sem sinais ou apelos, todos rumaram simultaneamente em direção à saída (ou seria entrada?) como se condicionados a isso. Deram em um corredor branco, muito alvo, que os levou, através de uma esteira rolante, até um gabinete ornado com extremo bom gosto e harmonia. Assim parecia a cada um dos membros da família. Ali ficaram por algum tempo olhando a beleza local e lentamente começaram a sair de seu estado de torpor.

— Celeste, o que está acontecendo? Perguntou Solano um pouco apreensivo, mas muito curioso.

Órion agarrou-se às pernas do pai, Vênus parecia uma estátua, Estela nada perdia, Luana estava pálida, emocionada e com leve angústia.

— Vamos aguardar, falou a mulher, buscando apoio no braço do marido.

Aos poucos, como se de longe, ouvia-se música suave, mística e calma, que solevou qualquer mal-estar, parecia uma

canção terapêutica. Uma voz quase lírica os saúda e pede que nada temam. Pelo fundo da sala entra, então, um moço com vestes brilhantes e ar amigável, feições humanas muito bem-acabadas e uma luminosidade hipnotizante no olhar. A figura cativou a família, o que não impediu a enxurrada de perguntas.

— Onde estamos?

— Que lugar é este?

— De que material são suas roupas?

— Que música linda!

— Quem nos trouxe aqui?

— Aonde vamos?

— Você é alienígena?

Cada um tinha sua pergunta a fazer e as fizeram ao mesmo tempo. O moço abriu um sorriso fraternal.

— Vocês estão na MENTEM, que é uma nave intergaláctica, cuja velocidade é a do pensamento, pois a mente é sua energia. Vocês podem voltar ou ficar, a vontade é de vocês, porém gostaria imensamente que ouvissem por que foram trazidos. Solano consultou com os olhos os familiares:

— Ouviremos.

— Meu povo e eu viemos de um planeta infinitamente distante e pequeno que nós, felizmente, podemos transportar para onde quisermos. É um planeta de energia, projetado pelas nossas mentes. Vocês agora estão em nosso planeta, que também é nossa nave.

O astrônomo olhou-o incrédulo.

— Minha roupa, continuou o estranho, é energia que envolve minha essência. A música que ouvem é projeção de seus próprios gostos. Cada um ouve o que mais lhe agrada, e sua mente faz uma seleção automática que lhes causa prazer.

Uns olham para os outros com sorriso de encantamento e exclamação.

— Nós os trouxemos e assim interferimos na sequência normal do seu desenvolvimento.

— Mas senhor, com todo esse desenvolvimento, por que não interferem na terra e ensinam aos homens a paz, as técnicas que conhecem, enfim tudo o que sabem?

— Se o homem vive em guerra — disse o moço — é motivo suficiente para que ele não conheça estes poderes, pois os usaria para a conquista e destruição não só sua, mas de outros seres em outros planetas. Além disso, esses poderes são fruto do desenvolvimento interior do homem, de seu ser, de sua essência e não de sua matéria ou tecnologia. Não se evolui por ouvir novas teorias, mas passando por experiências enriquecedoras, mesmo que causem sofrimento. Evolução é fruto da conquista, do trabalho, do esforço. Os homens já tiveram grandes líderes que mostraram caminhos de evolução: Sócrates, Confúcio, Buda, Jesus. Só para lembrar alguns antigos. De nada adiantaria interferirmos, portanto, pois não nos ouviriam, mas sim os seus próprios instintos e desejos. Se o homem sobreviver, atingirá estágios maiores de evolução, tudo depende dele mesmo.

Solano estava boquiaberto com o que o estranho conhecia

sobre o planeta e a índole e caráter do homem.

— Queremos — continuou o moço —, dar a vocês uma oportunidade, plantar uma semente, caberá a vocês aceitarem e regarem esse projeto de vida para que ele cresça.

— O que exatamente querem de nós? Perguntou Celeste.

— O que vocês mais querem.

— Como assim?

— Vejo em suas mentes curiosidades sobre certos astros e constelações. Se quiserem, podemos saciar essas ansiedades.

— De que forma?

— Levando-os numa viagem para conhecerem esses lugares

— Eu quero ir para o Cruzeiro do Sul, disse Estela ingenuamente.

— Pois pode ser, disse o moço. Mas, agora, vamos ver onde cada um quer ir, para estudarmos as normas de cada lugar e saber como abordá-lo.

Vênus quer conhecer o planeta de seu nome. Luana, imagina, quer a lua. Órion, a constelação com seu nome. Celeste e Solano querem ver a nebulosa de Andrômeda.

O moço então fez com que se concentrassem e lhes incutiu no cérebro informações atinentes ao primeiro lugar que visitariam.

— Vamos agora fazer um retrocesso no tempo para que mais facilmente atinjamos os nossos objetivos. Fechem os olhos.

Todos sentiram uma intensa luz e aquele formigamento pelo corpo.



ESTRANHOS
OLHARES

O Cruzeiro do Sul é uma constelação boreal, pois é vista somente do hemisfério sul do nosso planeta. Trata-se de uma das constelações da Via Láctea. Próximo da Estrela de Magalhães, aquela que aponta para o sul, há um planeta muito iluminado. Nós, aqui da terra vemos sem aparelho apenas uma Estrela de Magalhães, porém são duas e estão a incrível distância uma da outra.

Isso tudo os Andrômeda já conheciam, afinal tinham seu próprio observatório espacial e um astrônomo a tiracolo.

Enquanto isso, a família acordou lentamente e se libertou do estado de letargia da viagem. Foi mais demorada a recuperação da viagem do que a própria viagem. Esta demorou um piscar de olhos, como passe de mágica. Então o moço lhes disse:

— Estamos num planeta do Cruzeiro do Sul. É habitado. Vocês têm 12 horas terrestres para conhecerem alguma coisa desta realidade, depois virei buscá-los. Sejam gentis e sinceros e não temam.

— Sabem de nossa chegada?

— Não. Ajam como se fossem do planeta. Eles entenderão vocês de algum modo.

Assim que pisaram aquele solo, começaram a ouvir um rumor surdo vindo de não se sabe onde. Era forte. Tinham que falar alto entre si. Os olhos de Estela faiscavam de modo interessante. Em instantes, todos foram trasladados para um lugar que parecia deserto. Sentiam-se deslocados, exceto Estela

que parecia muito feliz. O relevo parecia o da terra, respiravam.

Era como se estivessem em um lugar desconhecido apenas. Fazia muito calor. Andaram em direção ao Sol semelhante ao nosso. O solo era um pouco diferente, sem vegetação, parecia um tipo de rocha. Caminharam apenas por meia hora e já estavam acreditando que a viagem fosse apenas uma ilusão, um sonho coletivo, então avistaram sinais de civilização. Era uma pequena cidade que começava no pé da colina onde estavam. Havia ruas, havia pessoas semelhantes a eles de longe.

— Esperem, disse Solano, olhem bem, eles não têm orelhas! Como vamos nos entender?

Aproximaram-se mais e...

— Observem os olhos, disse Estela, como brilham!

— Estela! Os teus também! Parecem diamantes!

Todos arregalaram os próprios olhos ao verem os de Estela. A menina herdara os longos cabelos da mãe e estes cobriam suas orelhas.

Começaram a perceber diferenças entre aquele lugar e sua distante terra. Já não podia mais ser um sonho coletivo. Não havia asfalto ou paralelepípedos nas ruas. Era um chão liso, incolor. Seria vidro? Cristal?... As construções também eram de massa semelhante. O barulho aqui era muito mais intenso, mas vinha não se sabe de onde. Não era barulho de cidade nem de indústrias. Céu acinzentado, quase um reflexo do solo.

Começaram a sentir sede e fome. Estela, resoluta, aproxi-

mou-se de um dos habitantes, cujas vestes pareciam de plástico. Então notaram que as suas também eram assim. Estela interpelou o indivíduo:

— Senhor!

— !?

Nesse instante, Estela leu nos olhos do estranho a pergunta que esperava: O que é? E, sem maior esforço, seus olhos começaram a faiscar suas necessidades. O estranho demorou alguns instantes até atinar com o que se passava. Depois tudo lhe pareceu natural. Levou Estela e família até uma residência e transmitiu que se sentia honrado e feliz por receber estranhos e que era frequente terem tais visitas. Foi muito amável.

A casa em que estavam parecia maior do que era, pois suas paredes refletiam tudo, dando ideia de amplidão sem limites, já que uma parede reproduzia a outra infinitamente.

O estranho de olhos de diamante comunicou a Estela, uma vez que era a única que o compreendia, que as suas necessidades viriam através dos olhos. Como os familiares dela nada conseguiam com seus olhos terrenos, Estela criou, pasmada, copos d'água para cada um. Comeram também. Comer não causou estranheza ou indivíduo do lugar, mas as orelhas, ele as olhava com insistência, até que perguntou:

— São enfeite?

Estela tentou explicar para que serviam, mas não foi eficiente. A ideia de ouvir não existia para ele. Quis saber de onde

vinham os Andrômeda. Estela simplesmente informou que vinham de outro sistema. Foi o suficiente.

De barriga cheia, os Andrômeda também tentaram sanar suas curiosidades, sempre através de Estela. O nativo olhava intrigado para eles conversando entre si. Estela explicou seu método de comunicação, por sinais dos lábios e som. Mesmo não entendendo o conceito, foi suficiente. Parecia uma criança absorvendo saberes de tudo o que vê, toca, sente.

No local, os olhos tinham poder energético muito grande, como certos cristais e, por isso, transformavam em matéria concreta o que seu dono quisesse. Os cristais eram a matéria mais abundante no planeta, mas ninguém podia materializá-los com os olhos. Eles eram o natural. Cada cristal tinha poderes e qualidades diferentes conforme sua coloração: quanto mais rijos, mais valiosos.

Solano pensava nas semelhanças com a terra: os diamantes valiam mais que as esmeraldas.

A sociedade no planeta era dividida segundo os cristais que possuíam. Assim, em cada região havia um sistema de leis e gostos, de acordo com os cristais encontrados no subsolo. Eram cinco as classes sociais: a dos cristais negros, dos marrons, dos vermelhos, dos amarelos e dos brancos. Se um ser da sociedade dos cristais brancos fosse viver com os amarelos ou outros quaisquer, sofreria, em pouco tempo, as influências destes e se transformaria em um deles. Os olhos de cada sociedade

indicam a sua classe. Cristais vermelhos, olhos vermelhos. Se alguém, por acaso, encontra cristais de outra cor, ou os deixa no local ou os guarda. Quando os guarda, faz secretamente, pois são cristais que podem representar sua mudança social, quando os tiver em boa quantidade, pois eles transformarão a cor de seus olhos.

Celeste entendeu bem que o sistema não é muito diferente do nosso. Nós usamos dinheiro, eles cristal.

— Não existem revoltas entre as classes? — Aproveitou e perguntou Celeste.

Depois da devida tradução, veio a resposta por Estela.

— Há sempre os insatisfeitos, aqueles que julgam que tudo deveria ser dividido igualmente, mas está tão harmônico assim, por que mudar? O destino e a sorte determinam a vida de cada um. Se alguém quer mudar, deve trabalhar muito para conseguir os cristais que deseja.

Solano outra vez pensou na terra. Este indivíduo tinha olhos brancos como cristal, não tinha por que se preocupar. Lógico que tudo estava bom assim, como se tivesse uma boa economia aplicada rendendo juros.

— Gostaríamos de conhecer outras cidades, pois temos pouco tempo aqui, comunicou Estela.

— Tenham cuidado! Ultimamente têm surgido alguns diferentes de nós. Uns de olhos verdes ou azuis que defendem a conservação e purificação dos cristais. Não se conhece ainda

quantos são nem seu poder, mas se sabe que são perigosos, pensam diferente.

— Qual o transporte mais rápido aqui?

— O jato de luz. Funciona sob o solo em canais especiais para não dispersar os raios.

Todos entraram numa cabine tipo elevador e, antes da porta fechar, o ser ainda comunicou que apertassem o botão com a cor, cuja sociedade gostariam de conhecer.

Órion, curioso como qualquer criança, apertou o último botão, acostumado com o andar térreo: o botão era preto.

Uma luz muito intensa envolveu a cabine e todos se sentiam flutuar, como se não houvesse gravidade.

Parou. A porta abriu. Era escuro, intensamente escuro. Saíram Tateando e não se acostumaram à escuridão.

— O que há com vocês? Parecem bêbados, cegos! — reclamou Estela. — Não estão vendo os seres estranhos que estão ali, encostados naquela parede preta?

Ninguém via nada. Novamente Estela tinha o privilégio de orientar os familiares, que se puseram em fila indiana, um dando a mão ao outro.

Os estranhos seres pareciam esquivos, quase humildes, não olhavam de frente, mas de soslaio, com desconfiança. Estela dirigiu-se a uma mulher de vestes pretas, cujos olhos pareciam pérolas negras. Entenderam-se. A mulher os acompanhou e orientou o caminho até saírem à luz. Enquanto caminhavam

no escuro, ouviam máquinas trabalhando ruidosamente, então compreenderam o permanente e intenso barulho do planeta; eram mineradores cavando cristais. Também se deram conta de que eles não precisavam de orelhas para ouvir, já que o próprio barulho não permitia. Provavelmente, a própria natureza se encarregou de suprimi-las ou de não criá-las, por sua inutilidade.

Com a luz, notaram que os olhos de todos na cidade eram negros, inclusive os de Estela.

Após alguns entendimentos esclarecedores, a mulher segredou que ali quase todos se conformavam com a sorte, raros eram os que ambicionavam mudar, tanto que Solano, que havia trazido consigo um cristal branco, ao mostrá-lo à mulher, estranhou a reação dela. Ela o fez entender que seriam necessários muitos desses para que todo o clã pudesse mudar. Mudar sozinha é muito triste. Bom é a união, não o poder.

Ali tudo era preto ou de tons cinza escuro: o chão, as construções, as vestes. Havia um ar de conciliação nas feições dos seres. Permaneceram horas em agradável comunicação à qual se juntaram muitos outros da família, que parecia grande. Eles sabiam que os Andrômeda eram de outro planeta e isso não era estranho para eles. Queriam, contudo, conhecer sobre a Terra.

Parecia até que outros terrestres já haviam estado lá, pois tinham algum conhecimento de nosso planeta. Admiraram-se quando souberam que por aqui havia quatro etnias básicas e que uma era de pele escura, semelhante à deles. Julgaram

interessante a semelhança entre as peles na Terra e os olhos em seu planeta. O que mais chamou a atenção deles foi saberem que há misturas étnicas aqui. Disseram que já conheciam essas teorias, mas que eram indesejáveis. Essas ideias haviam começado há pouco e eram difundidas por um peregrino de olhos verde-azulados que defendia a igualdade entre todos.

Após essas informações sobre as características culturais de cada planeta, os Andrômeda voltaram ao túnel de transporte e foram para outra cidade. Chegaram a um local em que tudo era da tonalidade marrom.

Eram todos muito risonhos, embora não gargalhassem. Seus olhos assemelhavam-se a torrões de açúcar mascavo e eles não gostavam de escavar, preferiam catar cristais à superfície e a poucos metros de profundidade. Informaram de perigos, de desmoronamentos, de mortes.

Solano mostrou o cristal branco e o que os acompanhava logo tratou de pedi-lo. Eram ambiciosos, sonhadores, mas algo indolentes. Sabia-se, quase como lenda, que no subsolo havia cristais valiosos, contudo não se propunham a escavá-los. Preocupavam-se menos, divertiam-se mais e eram os mais longevos do planeta.

Quando já estavam por partir, Solano percebeu que seu cristal havia sumido. Não deu maior importância, mas percebeu que este grupo era bastante astuto, com enorme potencial a desenvolver e, embora se divertissem juntos, eram mais indi-

vidualistas que os anteriores.

A sociedade vermelha doía nos olhos, menos os de Estela, que se acostumou de imediato.

Ali todos tinham cabelos longos e os olhos pareciam rubis. Tinham muitas tradições e índole valente. Luana foi muito admirada por sua pele muito alva e os cabelos louros bem claros. Seus olhos azuis causaram estranheza a princípio, pois também ali sabiam os boatos sobre seres estranhos de olhos azul e verdes. Logo perceberam que não se tratava de um desses seres.

As construções ali eram piramidais. Todos sempre faziam algo com as mãos, como um trabalho manual e fizeram entender que é preciso treinar a paciência e a concentração. Por isso nem sempre usavam o poder dos olhos, agiam com as mãos e o corpo. Apreciavam a vida, porém a doavam por uma tradição ou competição.

Foi solicitado a Solano que participasse de uma luta com um dos membros daquela sociedade, era uma tradição. Solano quis recusar, mas, reconhecendo o espírito amigo com que lhe dirigiram o convite, respeitando as tradições dos estranhos e precisando de um exercício físico, aceitou.

Tratava-se de uma espécie de luta composta de três partes: primeiro exercitavam a agilidade físico-mental (deveriam montar um objeto usando formas geométricas pré-fabricadas), venceria quem fizesse o objeto mais estranho e curioso aos olhos de um juiz; depois saberiam quem possuía mais força

física, lançando um objeto; finalmente, venceria quem conseguisse derrubar o outro sem tocá-lo, apenas usando truques e o poder dos olhos.

A família Andrômeda se posicionou de um lado, os nativos de outro e faziam gestos de motivação e, certamente gritariam se pudessem.

Na primeira disputa, Solano saiu vitorioso, porque pertencia a uma outra cultura e foi fácil fazer algo diferente para eles.

Na segunda, Solano perdeu por pouco. A terceira foi a mais interessante. Solano se pôs atrás de um muro e o adversário se aproximou e lançou uma grande pedra avermelhada. Solano saltou o muro, obrigando o adversário a abrigar-se, pois a pedra quebrou o muro e projetou lascas na direção dele. Solano, lembrando os gaúchos, usou seu cinto para criar uma boleadeira e lançou-a nas pernas do estranho. Enquanto caía, o nativo lançou um objeto pontiagudo, que ia ao peito de Solano. Nisso Estela interferiu, criando um escudo que salvou o pai. O juiz ordenou que prendessem Estela por ter interferido na luta.

Quando vieram pegá-la, Estela criou sobre o chão, na direção dos nativos, muito gelo liso que os fez escorregar, o que permitiu que a família fugisse e se escondesse em uma pirâmide.

Chegaram ofegantes na cabine de transporte e acionaram o botão amarelo, julgando terem se livrado de um grande problema.

Os Andrômeda não sabiam que o objeto lançado contra

Solano era apenas uma projeção mental que não feriria, além do mais o oponente já estava derrotado e assim seus poderes perdiam o efeito. Por isso a intervenção de Estela não poderia ocorrer, era questão de honra. Como a família poderia conhecer esses detalhes de uma cultura tão diversa?

Os olhos dourados eram muitos. As ruas estavam cheias, todos muito ocupados. Surgiam e desapareciam coisas a todo instante. Havia uma profunda concentração em tudo que faziam, diziam nada haver além do que faziam, agiam como autômatos, sem intensidade. Extremamente organizados, não erravam nunca, eram metódicos e projetavam o que faziam.

Andando no meio daquela multidão, nem eram percebidos. A família sentiu-se um empecilho para aqueles seres. Já se tinham passado onze horas desde que iniciaram a aventura. Foram a uma espécie de praça e lá Estela manifestou seu cansaço. Estava exausta.

— Creio que minha bateria está pifando, vamos descansar. Repousaram um pouco.

Percebendo infrutíferas as tentativas de comunicação com os olhos amarelos e vendo próxima a hora de voltarem, resolveram sair da cidade.

Não sabiam que ao saírem da cidade entrariam nos domínios de uma gigantesca máquina de proteção dos territórios amarelos. Essa máquina era programada para destruir todos os que não tivessem olhos amarelos.

Estela ia mais confiante, os outros a seguiam. Sentiu uma comunicação informando cuidado, área perigosa. Não deu importância, tudo parecia calmo. Ouviram um sibilo muito forte, parecia um apito de fábrica. Ventava. Talvez fosse o vento em alguma rocha. De repente, um raio de luz cegou-os. Vinha de uma rocha muito alta. Uns instantes depois, estrondo muito próximo a eles. Recuperada a visão, constataram o buraco feito. Só podia ser uma arma poderosa. Um segundo raio e nova explosão, ainda mais próxima. Desta vez, o buraco revelou uma bela e grande pedra verde, uma gigantesca esmeralda.

Estela olhou para a pedra e seus olhos transformaram-se em verde-esmeralda. Um estranho fenômeno: a menina olhou na direção da montanha de onde vieram os disparos luminosos e tudo se aquietou. O ataque cessou.

— Vênus, cuidado! — Gritou Luana. Uma espécie de cobra dourada enroscou-as nas pernas da mocinha que saltou assustada pela dor que sentiu. Um pouco de sangue correu pelo tornozelo. O bicho fugiu. Celeste socorreu sugando o possível veneno da mordedura. A coisa ardeu em sua boca e a língua começou a inchar, como a perna de Vênus.

Agora estavam assustados, com medo mesmo. Pensaram no soro antiofídico da terra, mas não o possuíam nem sabiam se faria efeito. Celeste e Vênus logo se sentiram mal. Retomaram a caminhada, desta vez de retorno. Solano carregava a filha, a esposa ia apoiada em Luana. Estela e Órion iam na frente. Que-

riam voltar, mas tudo parecia mudado, a paisagem, o caminho já não era o mesmo. Agora tudo era plano. Havia apenas pedras. Pedras de todas as cores: azuis, verdes, vermelhas, amarelas, pretas, brancas, marrons. Por detrás das pedras surgiam seres cujos olhos eram azuis, verdes e ainda de outras colorações.

Estela se deu conta de que podia se comunicar com todos e logo que os nativos perceberam a situação perigosa em que se encontravam Vênus e Celeste, começaram a ajudar. Segundo eles, o veneno transformaria as duas em seres como eles, isto é, não pertenceriam a nenhum dos grupos do planeta, mas seriam parte dos sem classe, que já formavam um pequeno grupo. O antídoto era muito raro e só seria conseguido pela união das forças dos seres do planeta.

Vênus começou a ouvir mal e os olhos de Celeste, que já eram azulados, transformaram-se em safiras.

Solano implorava que lhe salvassem a mulher e a filha. As duas terrestres já começavam a se entender com os nativos, o efeito era rápido, os olhos já haviam se transformado. Vênus sentia uma curiosa vontade de olhar nos olhos de todos e assim saber o que pensavam. Sentiu bondade e confiou neles. Celeste revelou seu coração de mãe chorando pela filha. Estranharam o choro, algo que não sabiam o que fosse, mas entenderam bem a situação e resolveram ajudá-los, afinal nem eram deste planeta. Então, um de cada cor de olhos se juntaram e se deram as mãos. Tinham posto Vênus e Estela no meio deles. Concentraram-se.

Parecia uma cena histórica. Seus corpos se iluminaram muito e de seus olhos saíram fachos de luz, formando em torno de Vênus e Celeste um verdadeiro arco-íris, que durou alguns segundos. As luzes amenizaram lentamente e, quando foi desfeito o círculo, as duas haviam tornado ao normal.

Um deles, que parecia o Líder, comunicou à Estela que a força da união de todos é muito superior à de um só. Os poderes que têm os olhos brancos são enormes, porém serão ainda maiores se somados com os outros. Com mais conhecimento e variadas experiências é mais fácil crescer.

— Organização, tradição, trabalho, justiça, astúcia, união, bondade, alegria são qualidades indispensáveis para que o poder possa ser bem exercido. Pena que ainda somos poucos que pensam assim.

Aqueles olhos de esmeralda pareciam ver o futuro e sorriam suavemente. Mas eram mesmo verdes? Afinal cada um dos Andrômeda viu neles cores diferentes.

Vênus e Celeste abraçaram-se aos demais, quando sentiram novamente o já conhecido formigamento.

De volta à MENTEM, a família olhou em torno incrédula, não só pelo instantâneo transporte, mas também pela aventura que acabaram de viver.

O moço luminoso os observava na tagarelice coletiva e Celeste lhe perguntou:

— Tem certeza de que não foi ilusão ou hipnose coletiva?

- Olhe bem atentamente a perna de sua filha Vênus.
- Há uma cicatriz azulada. Vai permanecer?
- Não. Desaparecerá lentamente. O que aprenderam em suas primeiras pesquisas?
- A importância do empenho, disse Estela.
- O valor da vida, sugeriu Luana.
- A conquista do trabalho, acrescentou Vênus.
- Organização, disse Solano.
- Quem mais se beneficia não gosta de mudanças, falou Celeste.
- O automatismo dá solidão e tristeza, tornou Solano.
- E você, garoto, o que nos diz?
- Como eram bonitos os olhos deles!
- Você tem razão. Do que mais gostou?
- Dos olhos deles! Queria ter olhos assim, seria super!
- Todos riram da ingênua sinceridade de Órion.
- No final vocês viram convivendo seres de cor de olhos diferentes no mesmo espaço, isso mostra que a força deles não vinha das pedras, mas de dentro deles, do que cada um era.

OS
MAIORES
DE
ILUSÕES

Estavam todos observando um mapa estelar e ouvindo explicações do simpático moço da nave-planeta.

— O próximo encontro que terão será bem diferente. Previno-os de que não tentem medir ou avaliar o que virem ou sentirem pelos padrões tradicionais da terra. Sejam imaginativos, libertem suas sensações e emoções.

A curiosidade transpirava da face de todos.

— Terão que usar roupas espaciais.

A um gesto do moço, todos se viram envoltos em uma roupagem luminosa e em torno de suas cabeças um círculo de luz azulada servia de capacete.

Tentaram se falar e nada conseguiram, o som não ultrapassava o círculo azulado. Receberam, então, uma comunicação mental do moço, que informava que só poderiam se comunicar por pensamento. Que deveriam libertar-se de todas as barreiras físicas e deixar o pensamento fluir livre, aí compreenderiam um ao outro.

— Não tenha medo, Órion, estou com você.

Quem comunicou isso foi Luana. Órion aproximou-se dela e se sentiu mais seguro, afinal ela o entendia.

— Luana, por que tanta ansiedade? — interrogou Celeste.

— Ainda não sei.

Sentiram o já conhecido formigamento e tudo lhes pareceu mais leve, estranhamente leve, pareciam flutuar.

Entreolharam-se. Órion com algum medo, deu um passo

na direção do pai. Qual não foi a surpresa, quando se viu saltar sobre ele. Solano observou o espaço atrás de si e viu no horizonte um enorme planeta azul.

— É a Terra!

Todos o entenderam e ficaram bom tempo inertes olhando aquela bola de que emanava tanta vida.

— O que faremos aqui na lua? — Pergunta Celeste.

— Aqui nada há! — Completa Vênus.

— Vamos saltar por aí, fala Solano.

Começaram a se mover e gostaram da brincadeira, pois saltavam, sem esforço, muitos metros, o que jamais fariam na terra. Um clima juvenil envolveu a família que saltava, saltava, saltava...

Luana parou. Olhou em torno procurando. Sentia-se observada. Os outros se distanciaram sem perceber que Luana ficou para trás. Tudo em volta da menina parecia vazio, mas, de repente, um impulso mental bem suave a chamou. É como se ouvisse uma voz feminina desejando boas-vindas. Luana pensou ser uma brincadeira de uma das irmãs e emitiu mensagem comunicando que já percebera. Não obtendo resposta, Luana saltou rápido para junto dos seus, que já iam bem adiante.

Vênus e Estela negaram qualquer brincadeira, o que deixou Luana apreensiva e ansiosa.

Uma hora depois, já entediados de pular, chegaram a um lugar que na terra chamam de Mar da Tranquilidade.

Solano, para realizar uma experiência, lançou um pedaço

de rocha ao espaço. O pedaço era menor que um ovo de galinha e perdeu-se na altura. Nada se ouviu. Nenhum som. Nenhum ser. Tudo silêncio, tudo inerte, tudo morto. Uma profunda desolação começou tomar conta de todos. Dos sonhadores olhos de Luana corriam duas pequenas lágrimas. Que decepção! A lua dos namorados era tão vazia.

É na desolação, na solidão que as ansiedades e medos se libertam e o medo é uma terrível arma que ameaça e fere.

Órion, desde o início receoso, foi o primeiro a ver coisas estranhas. Agarrou-se ao pai e informou que viu um monstro. Todos verificaram em torno. Estela viu uma enorme cabeça por detrás de uma elevação e gritou, mas não a ouviram, então apontou, sem fala. Vênus olhou assustada e percebeu os olhos de fogo triangulares. Celeste ficou sem fala ao ver as seis imensas patas do monstro.

— Eu sempre pensei que não havia dragão de São Jorge na lua!

— Vamos nos esconder ali, atrás daquelas pedras.

Queriam correr, mas tudo agora parecia pesado, quase não saíam do lugar. Seria um daqueles sonhos? Chegaram exaustos às pedras. Seguraram-se uns nos outros e esperaram. Solano espiou sobre as pedras. O monstro sumira. Estela virou-se e apertou desesperadamente o braço da mãe. Celeste voltou e fechou os olhos para abri-los e ver melhor. Não podia crer no que via: figuras metálicas de cor bronzeada com ar feroz os

observavam a poucos metros. Solano e Órion esbugalharam os olhos. As figuras movimentaram-se na direção da família acuada entre as pedras. Não havia saída. As pernas não se moviam, os nervos e músculos estavam na máxima tensão. Solano, num último gesto de coragem, para defender sua prole, colocou-se na frente da família para protegê-la com os braços abertos. Mais alguns passos e seria o fim.

De repente surgiu, projetado do nada, um fecho de luz amarela que se colocou entre a família e as grotescas figuras que saltavam sobre os Andrômeda. Ao passarem pela luz, como que por encanto, desapareceram.

Estupefatos, olharam todos para o lado de onde veio a luz. Nada havia. Nesse instante Luana percebeu novamente aquela amena comunicação. Agora ela fechou os olhos e viu mentalmente, à sua direita a alguns passos, vários seres cuja forma diáfana, quase translúcida se confundia com a paisagem árida.

— Somos de paz!

Ao pensar ouvir, abriu os olhos e nada mais existia. Fechou-os, concentrou-se e viu novamente. Descobriu que seus olhos eram incapazes de vislumbrar aquelas figuras tão transparentes. Luana pensou que todos os familiares estivessem usufruindo da mesma descoberta, porém apenas ela percebia essa nova realidade. Por mais que tentasse fazer os outros verem, ninguém conseguia discernir nada nem captar mensagem alguma. Os seres disseram à Luana:

— Deixe sua mente livre e então, através de você nos comunicaremos com os outros.

Luana sentou-se numa pedra e se pôs em atitude de meditação, concentrou-se no vazio, libertou-se de pensamentos e isso, que é exercício de muito treino, parecia fácil para ela. Alguns instantes após:

— Bem-vindos à Lua! Devem estar muito curiosos e nós responderemos a algumas perguntas.

A voz era suave e segura e penetrava na alma.

— Quem tentou nos atacar? Perguntou Solano.

— Ninguém.

— Como assim?

— Aqui nada existe para atacá-los. A lua não tem habitantes, não tem vida, como dizem.

— Mas fomos atacados por um monstro e uns seres metálicos estranhos. Pareciam robôs. E vocês... Afinal estão se comunicando.

— Vocês estavam com medo. Logo que chegaram, ficaram envolvidos pela ideia de verem a terra e saltar. O primeiro impulso foi de alegria, beleza, conquista até. Depois, assim que foram sentindo toda a solidão do lugar, suas inseguranças e medos vieram à tona e projetaram mentalmente seu pavor pela situação em que se encontravam. Os monstros são seus medos em relação ao passado, os seres metálicos o medo do futuro.

— Se não há seres aqui, o que são vocês que não vemos?

Não são também uma projeção mental?

— Vocês viram o fecho de luz onde desapareceram os seres metálicos. Pois bem, se não existíssemos, não projetaríamos a luz. As projeções mentais que fizeram eram reais, pois o pensamento é também uma espécie de matéria. Se nada fizéssemos, vocês sofreriam um ataque de seus próprios pensamentos. A luz projetada era uma porta para outra dimensão, criada por nós e assim os libertamos de seus alcoses que eram seus próprios pavores.

— Como vieram para cá? De que se alimentam?

— Nossos alimentos não são como os seus. O espaço é muito rico em alimentos para nós, pois eles provêm da energia cósmica, que aprendemos a usar. Aqui vivemos criando e analisando o que criamos. Somos inventores, filósofos, psicólogos.

— Não é monótono existir aqui, tudo tão vazio?

— Vazio para seus olhos. Aqui há belezas inimagináveis. Porém, para vê-las e senti-las é preciso a terceira visão.

— Terceira visão?

— Sim. Todos vocês têm. Está, porém, embotada. Apenas a menina ali sentada a tem um pouco desenvolvida. Por isso ela nos percebeu. Essa visão é uma espécie de olho da sensibilidade que penetra através da matéria e lê sentimentos, vislumbra a essência menos densa dos seres.

A família Andrômeda estava começando a crer na existência desses seres desconhecidos que pareciam bons.

— Que matéria-prima usam para criar? Interrogou Solano.
— Criamos ambientes para que as emoções sobrevivam, criamos dimensões para que os pensamentos se encontrem. Para isso usamos a energia cósmica.

— Com que finalidade criam?

— Para o equilíbrio e sobrevivência da vida na Terra.

— Como? — pergunta Celeste incrédula.

— A vida angustiante do homem duraria pouco se ele não sonhasse, tanto quando dorme como quando está acordado. Nós colocamos os homens em contato com essas dimensões, que os aliviam e às vezes os orientam sobre a vida e sua preservação.

Vênus, Estela e Órion estavam encantados, pois eram bastante crianças e aproveitavam essa fantasia como se fosse real. Solano e Celeste, adultos, racionais, não podiam aceitar essas informações absurdas e ilógicas.

— Quantas vezes, Solano e Celeste, vocês trocaram palavras apaixonadas, quantas vezes, olhando o espaço, falaram liricamente do luar? Esses seus pensamentos são energia desprendida que passa a fazer parte do cosmos. Nós captamos e orientamos tais correntes energéticas que jamais deixarão de existir. Os seus pensamentos, portanto, nunca morrem, são constantemente o presente, apenas não se tem consciência disso pelas limitações do desenvolvimento em que se encontram. Mas vamos lhes dar uma oportunidade de serem, por alguns minutos, o que são e o que eram em um determinado

instante de suas vidas.

Solano instantaneamente sentiu algo estranho, como se estivesse multiplicado: via-se ali, na lua e simultaneamente num jardim observando a lua. Parecia ser dois. Estava emocionado no jardim e curioso na lua. Olhava a luminosidade terra por entre as árvores que cercavam o jardim e sentia-se enlevado, como se observasse tudo do alto. A esposa, jovem e muito bela, lhe vinha à mente (na lua olhava para Celeste). Celeste estava num leito de quarto estranho com pessoas à volta. Sentia dores. (Na lua, Celeste procurava a mão do esposo). No jardim, os olhos para o céu, Solano suplicava que fosse bela e suave como a lua, enquanto Celeste ouvia o choro vivo de uma criança.

— É menina e saudável, diz o médico.

Celeste chorava suave e ternamente na Terra e na Lua. Solano a abraçou agradecido na Lua e na Terra e seus olhos dirigiram-se para Luana, a filha que acabara de nascer e que também meditava profundamente.

O fenômeno desapareceu. Solano e Celeste novamente se sentiam únicos.

— Puderam ver como tudo permanece, como tudo pode ser simultâneo, se nos libertamos da ideia de tempo. Os bons fatos nos causam prazer ao serem vividos, os maus nos angustiam. Por isso os homens, em sua maioria, libertam-se dos erros, esquecem, pois seria um caos se continuassem lembrando,

revivendo-os sempre. Os que não conseguem libertar-se, frequentemente enlouquecem. Alguns até tiram a própria vida. Agora toda a família sabia que estava vivendo algo fantástico, jamais visto e Solano novamente insistiu:

— Mas afinal, quem são vocês?

— Já dissemos que somos filósofos, psicólogos, inventores, e cremos que dificilmente compreenderiam se disséssemos quem somos.

— São deuses? Pergunta Vênus.

— Não. Somos seres em evolução, em busca ainda de equilíbrio e perfeição.

— Mas podem tanto, conhecem tanto...

— O conhecimento e o poder são infinitos, por isso sempre há o que conhecer ou o que criar.

— Sempre tiveram essa forma que não vemos? Sempre foram invisíveis?

— Não. Esta é a forma que adquirimos na dimensão em que nos encontramos. Já fomos visíveis a seus olhos.

Luana despertou de seu transe. Estava pálida, parecia enfraquecida. Uma luz intensa a envolveu e ela vislumbrou formas conhecidas, como que retratos antigos. Abriu os olhos e tudo desapareceu.

A família se aproximou de Luana. Todos muito emocionados. Abraçaram-se e sentiram o formigamento.

Na nave-planeta, sem as vestimentas especiais, Luana falou:

— Pai, um pouco antes de sairmos da Lua, senti uma luz forte e vi figuras conhecidas. Seria possível?

— Quem você viu?

— Eram figuras como meu livro de História. Vi Thomas Edison, o filósofo Sócrates, Confúcio com sua barba longa, Einstein e outros que não reconheci.

Solano olhou-a sem nada dizer.



EMERSON

GOVONI

Então Diana transformou o caçador em constelação. Assim nascia Órion nos céus equatoriais a oeste do Unicórnio, e este do Eridano, ao sul de Touro e ao norte da Lebre. Formada com brilhantes estrelas, três das quais muito conhecidas popularmente como Três Marias, que nada mais são que o Cinturão de Órion, o caçador-constelação.

Os planetas que giram em torno das estrelas de Órion são muitos e alguns deles habitados por seres inteligentes, outros ainda em fase primitiva de desenvolvimento.

Os Andrômeda foram deixados em órbita do planeta Néctar, um dos que giram ao redor da estrela central das Três Marias. O sensor vital da pequena nave anunciou haver vida em Néctar e a nave, atendendo ao controle mental do filho, Órion, desceu no ambiente que foi previamente selecionado por ter atmosfera, densidade e gravidade semelhantes à terra. A descida da nave foi suave e vertical.

Cada membro da família possuía nas orelhas um pequeno aparelho: um tradutor universal, que tanto servia como receptor ou transmissor.

O local onde desceu a nave é um pequeno descampado cercado por árvores simetricamente dispostas e de diversas qualidades, parecendo um reflorestamento. Dirigiram-se para um dos lados do bosque e principiaram a ouvir pipios, pipilares, trinados, gorjeios vindos das árvores.

- Um passarinho! Exclamou Órion.
- Quantos! Admirou-se Estela.

– Que lindos! Sorriu Luana.

– Que espécies diferentes! Sugeriu Solano.

De verdade, uma revoada mista de muito colorido e variadas melodias inundava os ares e parecia festejar a presença da família ali. Uma espécie de pomba azul-celeste pousou no ombro de Luana e um minúsculo e multicolorido pássaro deixou-se prender entre os dedos de Órion, pedindo carinho.

– Posso ficar com ele, pai?

– Não sei, mas aqui, pelo jeito, pode-se ter qualquer ave, elas não fogem, parecem bichos de estimação.

Órion abriu as mãos e a avezinha ali permaneceu olhando-o e virando de um lado para o outro a pequena cabeça. Órion ergueu a mão pedindo para o pássaro voar. Este abriu as asinhas e se perdeu junto dos outros que, do mesmo modo alegre e rápido que apareceram, sumiram.

– Que bela recepção! Suspirou Celeste.

Penetraram mais no bosque, mas logo perceberam que era pequeno. Ouviram rumores alegres, como falas infantis. Aproximaram-se mais. Agora era certeza, só podia ser crianças brincando. Saíram finalmente do bosque. Um cenário de sonhos descortinou-se diante da família: uma vasta extensão verde com jardins e recantos. Num dos lados havia uma construção em linhas gregas clássicas com colunas dispostas em ordem e simetria. No outro lado, uma cúpula brilhante que parecia de espelhos. Essa abóboda era enorme. Ao fundo estendia-se algo que parecia uma cidade e aí, bem à frente, corriam belas

crianças ante os olhares perplexos dos Andrômeda. Eles não sabiam se iam ou ficavam, não ousavam dirigir a palavra a quem quer que fosse. As crianças os olharam, sorriram e continuaram brincando. Órion teve ímpetos de ir com elas, mas parou, agarrando a perna do pai.

Como pode ser isso?, pensava Solano. Parece que estamos ao mesmo tempo no passado e no futuro da Terra. Agora entendo por que viemos vestidos assim. (Vestiam uma confortável túnica de algo semelhante à seda, com um manto do mesmo material, porém uma coloração diferente – as mulheres mais elegantes, o menino e o pai mais sóbrios.) Todos estavam meio atrapalhados com as vestes, mas as meninas e a mãe logo se acostumaram. Órion deixava pender o mando para o lado e não o aparava com o braço levemente dobrado.

Passado o impacto de encontrar seres iguais em um planeta tão distante da terra, os Andrômeda dirigiram-se para a construção que lhes pareceu a sede do local. Estando já bem próximos do que presumiam ser a entrada, ouviram passos atrás de si e pararam em expectativa. Um moço alto e claro, de atitude educada dirigiu-se a eles.

– Procurando alguém?

– Não sabemos bem onde estamos, respondeu Solano.

Assim que Solano respondeu, o moço fez um sinal de compreensão, pois percebeu que eles usavam um aparelho tradutor.

– Sim, não são daqui. Vêm de qual província?

– Da Terra, respondeu Luana, sem se aperceber sobre o

que informava.

– Terra? Não conheço esse lugar. Deve ser uma pequena cidade, não?

– Sim, sim, apressou-se Solano.

– Aqui é a escola da Comunidade. Se quiserem, posso levá-los aos coordenadores.

– Ficaríamos gratos.

O moço conduziu-os por um amplo corredor que desembocou num espaçoso hall onde havia três portas. No alto, sobre as portas, um aparelho pequeno e arredondado luzia. Parecia uma lâmpada. Porém, com certeza, não era. O moço aproximou-se de uma das portas com um símbolo impresso no meio. Nisso se ouviu uma voz cálida, vinda não se sabia de onde.

– Entrem! Aproximem-se! E a porta desapareceu, como se desfeita.

Uma pessoa grisalha e cordial os aguardava por detrás de uma sofisticada escrivaninha cuja tampa parecia uma tela de computador da qual se destacavam figuras holográficas. Os Andrômeda apinharam-se na sala com os olhos muito abertos pela curiosa visão daquela escrivaninha.

– Não se espantem. Estou testando a mais moderna mesa-secretária que criamos. Falou isso com certa vaidade.

– Mestre, esta família vem de distante província e quer audiência. Disseram vir de Terra.

– Certamente não vêm de Terra, mas sim de Taara, ao sul.

– Certo, mestre, confirma Solano.

Uma luz piscou na escrivania.

– Esta, então, é uma boa ocasião para lhes mostrar a nossa nova criação na prática.

Enquanto isso, Luana se pôs ao lado do moço e o olhava com interesse. Alto, forte, bem feito de feições, atitudes gentis... seus olhos se cruzaram e prenderam-se por instantes. Luana sentiu um leve tremor nas pálpebras e suas faces afoguearam.

– Quando se aproximaram da porta – dizia o mestre – projetou-se aqui, de forma tridimensional, a figura de todos vocês. Assim pude vê-los por diversos ângulos e percebi logo que não eram da Metrópole, mas de alguma província.

Solano e Celeste estavam muito envolvidos nas explicações.

– Menino – disse o mestre ao moço – vá até a porta!

Assim que Uris entrou no hall, sua figura apareceu sobre a mesa do mestre numa projeção holográfica de muita precisão. Órion achou o máximo e já pediu ao pai para comprar uma. Outras explicações se seguiram, todas causando muito interesse nos ouvintes. A mesa-secretária supriria todas as necessidades do mais atarefado executivo da Terra, com inúmeras vantagens sobre nossos computadores e secretárias.

– Mas a que vieram de tão longe?

Celeste, que havia pensado nessa possível e lógica pergunta, respondeu:

– Pretendemos conhecer de perto a organização escolar da Metrópole.

Nisso uma luz azulada acendeu sobre a mesa.

O mestre olhou-a e apertou um ponto da mesa.

– As diferenças para Taara são mínimas, apenas as dimensões são outras, aqui são muitos. Talvez a maior diferença atual seja que os adultos, cada qual em sua especialidade, têm atualização permanente. Para crianças e adolescentes, o método é o mesmo: informação, formação do corpo e da mente pela convivência e aplicação das informações, reflexão sobre os resultados e desenvolvimento psíquico-cinético. Toda criança, desde os seis meses, passa a conviver em nossas escolas seis horas diárias, passando outras seis com os pais e repousando bastante.

– E a alimentação? Perguntou Celeste.

– Até os três meses os pais são responsáveis, dos três aos seis, dividem-se as responsabilidades para a criança acostumar-se com os outros, após os seis meses, a escola propicia a alimentação adequada. Só comem legumes, frutas e cereais. Paramos com as carnes por serem muito tóxicas e prejudiciais ao desenvolvimento psíquico, e causavam problemas gástricos.

– Como é tratado um adolescente? Pergunta Vênus.

– Até três anos o sistema é de recreação educativa e de manejo de instrumentos simples para o desenvolvimento motor. Dos quatro anos em diante, o tempo de permanência na escola aumenta gradativamente. É a etapa em que se vai dando autonomia à criança e se vai distanciando da dependência dos pais e preparando-a para a comunidade. Como veem, o sistema aqui é o mesmo de Taara. Agora Uris poderá mostrar as nossas instalações.

– Em Taara não chegamos a tanto. Foi bom termos vindo, arrematou Solano.

Novamente a luz azulada acendeu no painel da mesa. O mestre olhou-a e pensou: por que mentem?

A família Andrômeda saiu com Uris, que não se afastava de Luana. Seus olhos se enterneciam quando se olhavam e algumas palavras tímidas fizeram o moço saber o nome de Luana.

Andaram por um espaço onde havia várias salas mobiliadas com cabines individuais, cada qual com uma mini mesa semelhante à grande do mestre. Disse Uris que eram salas de informação programada, conforme o desenvolvimento individual e que, à medida que os interesses do estudante aumentavam, ele mesmo poderia selecionar conteúdos, sempre com o acompanhamento de um mestre que sabia do crescimento e das dificuldades de cada aprendiz. Celeste pensou que na Terra já se faziam experiências de ensino similares.

Atravessaram uma vasta galeria cujas paredes mostravam pinturas semelhantes às nossas do período renascentista. Após a galeria, outro corredor com salas. Estas eram laboratório, onde os mais desenvolvidos faziam experimentos substanciais. Havia salas para escultura em madeira e outros materiais, salas de pintura, de música, de representação e uma singular com muitas pedras, paus, pedaços de metal e outros objetos estranhos, como se fossem restos, sucata.

– Que sala é esta? Inquiriu Estela.

– Aqui se fazem testes de criatividade e imaginação. Esta

sala também ajuda a descobrir as tendências de quem trabalha nela. Só se faz o teste individualmente e se pode fazer o que quiser com o que há na sala.

– Interessante, concluiu Vênus.

– Há um teatro onde os estudantes apresentam os resultados de sua expressão oral e corporal. Há uma sala de projeção holográfica e uma enorme biblioteca, onde podemos ler sozinhos nas telas sobre as mesas ou escolher que leiam para nós, com a interpretação de nossos artistas. Mas isso tudo vocês já conhecem. O que eu aprecio mesmo é a sala holográfica, onde gosto de vivenciar as histórias e alterá-las, construí-las do meu jeito.

Luana pensou nos jogos de RPG, mas calou.

Saíram, enfim, desse edifício e dirigiram-se para um redondo com a abóboda enorme. Era um espaço para a prática de esportes, com salas para dança, ginástica e esportes em equipe. Uma das salas chamou a atenção de todos: salão do voo. Tratava-se de um local sem gravidade, onde se podia flutuar, andar com os pés no teto, fazer piruetas e outras coisas mais. Todos queriam provar. Flutuaram, brincaram, mas saíram tontos e parecia que os órgãos internos estavam fora do lugar. A distração serviu como final da visita.

A fome, essa inconfundível parceira, manifestou seus sinais. Uris propôs levá-los a um passeio pela cidade e os levaria a um local de alimentação. Comeram uma pasta de cereais com alguma semelhança a macarrão e beberam suco de frutas com

sabor desconhecido, mas bem aceitável.

A cidade era bela e organizada. Em seu elo central não havia veículos de transporte. Ou se caminhava ou se subia em uma esteira rolante que ia mais rapidamente. Para subir na esteira ou dela sair, havia o apoio de uma espécie de bengala para o passageiro. Era muito eficiente. Os transportes com máquinas individuais ou coletivas eram mais periféricos e totalmente silenciosos, movidos a energia da estrela que iluminava o planeta.

As construções chamaram a atenção de Solano, pois apresentavam apenas três formas: triangulares e piramidais, quadradas ou retangulares, e circulares.

– Aqui é a única cidade em que as construções de outro tipo foram abolidas, explicava Uris, pois cada forma tem um propósito: as quadradas são para a concentração no trabalho ou no estudo, pois são práticas; as circulares são mais alegres e criativas, usadas para o lazer; já as triangulares concentram energia e repõem as forças, por isso as usamos para o repouso.

Passaram por uma pequena e alegre construção arredondada e Uris lhes sugeriu:

– Entrem. Tenho uma surpresa.

Dentro, as tonalidades eram suaves e convidativas.

– Um piano! Exclamou Luana com brilho no olhar e dirigiu-se para ele. O desenho das teclas era um pouco diferente e as cores marrom e amarelo, mas em substância era um piano. Então tentou. Ouviram a escala e na sequência os primeiros acordes de Clair de Lune, de Debussy. Uris ouvia a música en-

cantado. Luana tocava bem. Após essa canção, Órion achou uma saída que dava em um quintal com flores e frutos. Uris e Luana permaneceram envolvidos com o piano.

– Não conhecia essa maravilha musical. Você a compôs?

– Não, apenas a conheço.

Luana não podia dizer o autor, pois estaria revelando seu segredo. Tocou, então Valsa da dor, de Villa Lobos. Uris estava maravilhado e queria acompanhá-la com uma flauta, porém não conhecia as canções.

– Toque algo que eu conheça!

– O que você conhece?

Uris aproveitou a deixa e começou a solar a Valsa do adeus, de Chopin. Luana, que conhecia música, ficou boquiaberta. Como ele conhece esta canção da Terra? Resolveu acompanhá-lo. Formaram uma apaixonante dueto. Emendado a Chopin veio Mendelssohn, Nas asas da canção. A flauta fez o coro e o piano o acompanhamento.

– Como aprendeu essas composições?

– Do mesmo modo que você, treinando.

– Mas quem as compôs?

– Ah! Isso ninguém sabe, pois foram captadas no Audium.

– Audium? O que é isso?

– Você não conhece Audium?

Luana percebia que se traía, mas também já estava com vontade de contar tudo ao rapaz, não se sentia bem mentindo assim.

– Ouvi falar, mas não sabia...

– Claro, você é da província. Mas terei muito prazer em conseguir permissão para mostrá-lo.

Depois da aula de música, Uris sentia necessidade de mostrar-se conhecedor de algo e foi com certa vaidade e carinho que pegou a ponta do queixo de Luana entre os dedos e lhe beijou a pontinha do nariz. Luana ruborizou, mas aceitou o gesto. Saíram em busca dos demais de mãos dadas e os encontraram saboreando gulosamente uma fruta com gosto de romã.

– Pai, vamos com Uris conhecer Audium?

Solano aceitou a novidade.

Foram a uma grande construção retangular com uma enorme antena giratória no alto. Uris dirigiu-se a uma pessoa, conversaram, olharam os Andrômeda, o homem fez um sinal de concordância. Subiram e depararam, numa ampla sala, uma moderníssima máquina, em cuja frente havia uma tela transparente na qual, com um toque ou movimento, formava-se uma imagem.

– Para que serve? Perguntou Solano.

– Esse é o Audium e tem muitas finalidades: acelera as ondas elétricas e assim se pode emitir e captar sons do universo com muita rapidez e precisão. Através deste aparelho, sabemos da existência de vida inteligente em outros planetas centenas de anos-luz daqui.

– Que planetas já conhecem?

– O quinto planeta de Micron, por exemplo, emite sons acutíssimos e ritmados. A música que tocamos, Luana, foi

captada do terceiro planeta da estrela amarela do quadrante K.

Luana começava a compreender por que Uris conhecia Chopin e Mendelssohn.

– Podemos fazer uma experiência?

– Se algum técnico puder preparar o Audium...

Demoraram uns quinze minutos até que a máquina estivesse pronta. Solano pedira para apontar para o tal planeta do quadrante K.

– Audium seleciona os sons e só nos emite os que nos são agradáveis, os demais ficam gravados para análise dos especialistas. Os sons que ouvirem foram emitidos aproximadamente há cinco ciclos.

– Cinco?

– É. Cinco voltas em torno de nossa estrela.

Solano não sabia quanto tempo isso era, mas entendeu o conceito.

Alguns chiados iniciaram a audição. Não era sempre que o aparelho conseguia captar do espaço, já que havia muitas interferências. Aos poucos, porém, ouviram vozes humanas. Foi um alvoroço entre os locais. O técnico chamou o chefe e logo o local ficou cheio de pessoas. Pela primeira vez haviam captado o som de vozes que se assemelhavam às deles. O chefe mandou usar o tradutor universal do Audium. Ouviram então as palavras: ... e paz na terra aos homens de boa vontade . E logo na sequência um coral cantou Aleluia, de Haendel. Todos estavam emocionados e os Andrômeda perplexos.

Uris, que segurava a mão de Luana, olhou-a, intrigado. Algo o incomodava. Queria fazer uma pergunta, mas calava.

A transmissão foi interrompida por intensos ruídos e uma descarga elétrica.

– Por que não fazer um programa espacial, já que se sabe da existência de vida em outros planetas? A pergunta é de Solano.

– Não estamos preparados. Não dominamos ainda nossos problemas em Néctar, para que levá-los aos outros? Respondeu o chefe local.

– Não entendo que problemas, insistiu Solano.

– Então esqueceu os Godônios?

Solano silenciou, percebeu que quase se traíra. O chefe acrescentou:

– Só sairemos de Néctar, quando tivermos certeza de que não interferiremos no desenvolvimento de outros seres. Ainda nos falta muito para isso. Nem vivemos em paz entre nós, como levamos paz aos outros?

Solano lembrou que na Terra se matam aos milhares em guerras, milhões pela fome, mas se ambiciona conhecer outros mundos. O que realmente de bom os terrestres teriam a oferecer a outros seres? Vale a pena?

De repente o Audium volta a funcionar, mas de modo estranho. Parecia captar algo local. Ouve-se uma voz metálica: Os computadores de defesa foram sabotados, os mentores, mortos. Os Godônios nos atacam.

Correram todos dali. Uris disse:

– Temos que ir, precisamos nos proteger!

– Por quê? Questionou Luana.

– Os Godônios, nossos inimigos do norte, os guerreiros nos atacam.

– E as defesas?

– Eram feitas por computadores orientados pelos mentores de Néctar que lançavam, sempre que havia perigo, sobre todo o sul, uma cortina energética. Os Godônios furaram o bloqueio. Vamos, rápido! Precisamos ir para as pirâmides, que nos protegerão até os auxiliares tomarem as providências.

Correram. Na rua, muitos buscavam proteção. Ouviam estrondos como de bombas. Uris, na frente, orientava Luana e os demais. De súbito, surgiram, por detrás de uma construção, vários homens vestidos com algo muito brilhante e justo, carregando armas nas mãos.

– Os Godônios! Gritou Uris.

Todos pararam, apavorados. Os invasores atiravam para todo lado uma descarga elétrica possante. Uris pôs seu corpo na frente de Luana e recebeu uma descarga no abdômen. Caiu contorcendo-se. Luana gritou e se lançou sobre Uris, tomando o rosto dele entre as mãos.

Nesse instante, do alto de todas as pirâmides, um jato de luz verde projetou-se sobre os Godônios, que ficaram paralisados.

– Uris! Uris!

Luana tentava animar o moço, enquanto ali fora se ouviam muitos ais. Uris abriu os olhos. Ao encontrar os de Luana, o

moço fez um esforço:

– Luana, diga para mim, eu ouvi no Audium a palavra Terra e ouvi você dizer Terra, quando nos conhecemos. Você toca músicas estranhas e é também diferente. Vocês são mesmo daqui?

– Uris! Uris, acalme-se! Vamos tratar de você.

O moço falava aos arrancos, com grande esforço, seu abdômen e braços estavam muito queimados e seu corpo todo tremia como em choque.

– Vocês estão juntos, grandes e pequenos, uma família, aqui isso quase não se vê, só em dias especiais. Luana, é verdade? Eu ouvi Terra?

Todos ao redor de Uris. Os olhos de Luana gotejavam lágrimas quentes sobre o rosto do moço. Os Andrômeda não sabiam como agir. Luana olhou para o pai como quem pede consentimento. Uris quis falar mais, mas nada saiu. Procurou os olhos da garota como um último pedido. Luana não disse palavra. Chorava, porém, moveu levemente a cabeça confirmando. Uris fechou os olhos, estremeceu o corpo fortemente e relaxou a seguir. A vida se esvaía entre os dedos de Luana, que o amparava na despedida. Beijou a testa do rapaz e desabou em choro convulsivo. A família toda chorava ainda fora do edifício.

Aproximaram-se outros e, quando os viram chorar, estranharam.

– Por que choram tanto?

– Ele está morto, informou Solano.

– Sim, mas isso não é motivo para tristeza ou lágrimas tão sentidas.

– Como não? Protestou Celeste. – Era nosso amigo e cicerone.

O homem se calou. Abaixou-se e, no pulso de Uris, encontrou uma pulseira que o identificava.

– É discípulo da Escola da Comunidade. Vamos levá-lo para lá.

Carregaram o corpo até a esteira rolante. Solano ajudava. A família acompanha o corpo. Na escola, o mestre os recebeu com olhar compenetrado.

Uns poucos rapazes e moças, o mestre e os Andrômeda abatidos, principalmente Luana que não cessava de chorar, acompanharam o corpo de Uris até uma sala funerária. Lá o corpo foi depositado numa urna de cristal que estava ligada a uma máquina, tipo um computador. O funcionário do local deu, a cada um dos presentes, óculos bem escuros.

– Para quê?

– Senhor Solano, use-os e verá.

Um jato de luz intenso foi projetado do alto sobre a urna. O brilho da urna cegaria, não fosse a proteção dos óculos. Dentro da urna formou-se um vapor amarelado que foi penetrando num tubo e perdeu-se dentro da máquina.

– O que aconteceu? Perguntou Luana.

– A matéria transformou-se em energia por vários processos e assim o corpo continuará sendo útil, respondeu o mestre.

Ninguém ousava questionar nada, embora pensassem na frieza dessa despedida e, pior, na sua rapidez, sem despedida da família, sem cerimônia.

Após o singular funeral, os Andrômeda acompanharam o

mestre até sua sala com a sua estranha mesa.

– Por que tantas lágrimas, Luana? A vida continua.

– Sem Uris é mais difícil.

– Sem Uris? Como assim? Uris está conosco.

– Como, se morreu?

– Morreu seu corpo apenas.

– Mas sem corpo, ele não existe entre nós.

– Em Taara não se valoriza mais a essência do ser?

Luana calou-se, mas Celeste prosseguiu:

– O que quer dizer?

– Ora, apenas que a morte não é o fim do contato com o ser. Podemos nos comunicar com ele no oráculo.

– Mas isso é impossível!

– Era impossível. Embora sempre soubéssemos que após a morte do corpo, o ser continuasse sua caminhada em outra dimensão, não tínhamos meios de comprovar essa teoria, a não ser através de alguns mentores que possuem capacidade sensorial especial. O povo, porém, nunca acreditou muito nessa possibilidade. Por isso desenvolvemos uma máquina que capta e transmite ondas para outras dimensões, possibilitando uma comunicação psíquica. Isso graças aos esforços e pesquisas de Cedrak Nalla, nosso grande cientista. Esse foi o primeiro estágio. Hoje já se consegue captar, além da mensagem psíquica, a forma áurica em imagem especial holográfica.

Celeste estava de olhos fixos nos lábios do mestre, acompanhando aquelas inacreditáveis palavras.

- Eu posso rever Uris? Perguntou, incrédula, Luana.
- Basta ir ao Oráculo.
- E como se entra em contato com o ser desejado? Existe uma máquina semelhante na outra dimensão?
 - Não, não. Nosso aparelho envia as ondas psíquicas. Lá, seja onde for, os seres percebem as ondas e as identificam como se falássemos com eles. O ser invocado entra na faixa vibratória da mente enviada, desde que ele queira e possa, e assim se processa a comunicação. O aparelho serve de intermediário, transformando nossas palavras em ondas mentais e as ondas mentais em palavras.
 - Se ele quiser e puder? Por quê, nem sempre pode?
 - É verdade, nem sempre pode. Ainda não sabemos bem, mas parece ser uma questão de mérito. Os que têm um desenvolvimento sensível e mental maior, conseguem uma comunicação mais fácil e funcional, pela própria capacidade de concentração mais desenvolvida. Os que não conseguem a comunicação são, possivelmente, os que estavam muito presos à materialidade e sentem uma grande dificuldade de abstração.
 - E a imagem?
 - O aparelho capta a área energética do ser que se comunica a forma uma imagem translúcida, diáfana, semelhante a fumaça. Todos olham para o mestre esperando mais alguma palavra.
 - Cada ser veste muitas roupas, uma sobre a outra. Morrer é tirar uma roupa suja. Haverá uma limpa por baixo.
 - A morte sempre foi um mistério, às vezes tenebroso, me-

donho para os terrestres. Por isso Luana hesitava, mas seu coração falou mais forte e quis mesmo ir ao Oráculo.

A essa altura, a invasão Godônia estava controlada. O inimigo paralisado era enviado de volta para sua região como forma de dizer que não queriam guerra. Não se aprisionava ninguém, nem se punia com a morte.

Na entrada do Oráculo havia várias pessoas esperando. O mestre acompanhava os Andrômeda. Entraram, após alguma espera. O aparelho não era grande, uma espécie de tela em um material vítreo, não maior que uma TV 32 polegadas, não se viam fios, mas havia uma antena cheia de hastes. Luana sentou-se diante do aparelho em uma cadeira desengonçada, com sensores para mãos e pés e para a cabeça uma coroa com pontas de cristal.

– Concentre-se em Uris, disse o mestre após ligar a aparelhagem.

À medida que Luana se concentrava, luzes enfileiradas e de variadas cores acendiam-se atrás do aparelho. O mestre ficou admirado com a rapidez com que as luzes se acendiam.

– É fantástico!

Em pouco tempo ouviu-se uma voz débil no aparelho:

– Luana! Luana!

– Uris!

Também a imagem começou a surgir. Projetou-se logo diante da tela uma forma holográfica de Uris.

– Uris, onde você está?

– Aqui, com você.

– Como? É impossível!

– Não, Luana, não é impossível. Apenas estou em outra dimensão. Por isso não pode me tocar. Perdi apenas minha roupa um pouco usada, mas continuo íntegro. É como se tivesse nascido novamente, mas sem precisar passar pelo aprendizado infantil.

– Como se sente?

– Leve.

– O que faz?

Continuo. Aqui há uma cidade também. É como se fosse aí. As pessoas são outras, mas parece que já as conhecia. Ainda não me acostumei. Por um tempo será novidade. Sinto saudade, mas disseram que passará.

– Aí não há dificuldades? Inimigos?

– Disseram que sim. Aqueles que morrem aí, continuam aqui do modo que eram, pensando do mesmo modo. A morte do corpo não modifica o caráter de ninguém.

– Isso tudo não é projeção de minha mente? Uris, me dê uma prova de que isso está acontecendo de verdade.

– Como faria isso?

– Basta falar-me de algo que eu não saiba e que possa comprovar depois.

– Está bem. O mestre desconfia do segredo de vocês por causa de sua escrivanhinha. Falou baixinho. Gostei de saber de seu segredo, Luana.

Duas lágrimas grossas queimaram a face da moça.

– Sei que suas lágrimas são de emoção. Não chore por mim, pois estou bem e estarei feliz, como quero que você esteja também. Adeus, Luana.

– Adeus, Uris.

A imagem sumiu. Todos esperavam com a respiração suspensa. O que viram era irreal. Ninguém acreditaria. Luana se ergueu pálida, extenuada e foi apoiada pela mãe. Saíram. O mestre, que ouvira a palavra segredo, estava intrigado e pensou: São estranhas essas pessoas de Taara. Primeiro mentiram na escola; agora, segredos com Uris. Não serão espiões Godônios? Houve até um ataque... foi interrompido em seus pensamentos.

– Mestre, temos que ir. Já exageramos da hospitalidade e parece que trouxemos azares.

– Ora, isso não foi culpa de vocês, porém gostaria de conversar um pouco sobre esses últimos acontecimentos. Acompanhem-me até minha sala, por favor.

Solano não tinha como recusar. Foram. Chegando:

– Vieram então de Taara... pretendem ficar em Metrópole?

– Não, mestre, apenas queríamos conhecê-la e aprender algo mais.

– Em Taara, o que fazem?

– Estudo os astros.

– Interessante. Alguma descoberta importante?

– Creio que nada que o mestre não conheça.

– E os filhos, que escola frequentam? A da comunidade?

– Sim, respondeu Celeste.

A luz azulada do painel acendeu.

– Também estuda os astros?

– Sim.

– Por lá não tem havido ameaça dos Godônios?

– Não, pois vivemos distantes das fronteiras, arriscou Solano. (Deu certo.)

– Mestre, interveio Celeste, – ouvi várias histórias sobre nossas origens. Porém, tenho sempre minhas dúvidas. Talvez o senhor nos desse uma visão mais clara.

Celeste arriscou um tiro no escuro para livrar Solano do interrogatório. O mestre percebeu a mudança de assunto. Entretanto, envaidecido de sua sabedoria, resolveu falar.

– A tradição nos conta que há cem mil ciclos, o planeta que originou nossa raça entrou em decadência física, impossibilitando a vida nele. Aí os cientistas dessa antiga civilização estudaram os sistemas estelares de diversas galáxias e escolheram alguns onde as possibilidades de vida seriam boas. Fizeram várias frotas estelares, programadas para sistemas diferentes. Como a viagem seria longa, de diversas gerações, programou-se tudo para uma vida normal de cinco gerações. Porém, tudo foi feito automático, através de máquinas. Assim, as gerações que foram vindo pouco aprendiam, nem bem sabiam consertar defeitos básicos das máquinas, pois estas eram programadas para consertar a si mesmas. O sistema de onde viemos era conhecido como Campala ou Capela. De lá saíram

muitos grupos, dois dos quais vieram para em Néctar. Deram esse nome, pois aqui encontraram tudo para viver. Pena que, quando aqui chegaram, as naves estavam estragando e ninguém sabia consertá-las. As gerações que foram produzidas nas naves nada sabiam da vida em um planeta e tiveram que começar tudo. Como eram poucos, pois quase não procriaram na viagem, os conhecimentos eram ainda mais escassos, então voltaram a uma vida quase primitiva. Os dois grupos que aqui vieram se desenvolveram separadamente: os Godônios e nós.

– Sabiam do destino das naves que partiram de Capela?

– A tradição diz que alguns iriam na direção da estrela amarela. Por isso programamos Audium várias vezes naquela direção, no quadrante K, mas não sabemos se é a mesma estrela.

– Muito interessante, concluiu Solano, disposto a se despedir. O mestre, entretanto, não estava propenso a perder a possibilidade do interrogatório, tanto para testar sua mesa como para testar os convidados.

– Conhece alguma de nossas armas de defesa, Solano?

– Apenas as que vi em ação hoje e me pareceram muito eficientes.

– E o que pensa dos Godônios?

– O que há para pensar? Por que querem nos atacar? Quem o quê?

– Apenas ambicionam o poder.

– Não seria porque são rejeitados?

– Não. Simplesmente não querem tratado de paz. E, mu-

dando de assunto – sempre viveram em Taara?

– Não.

– De onde vieram?

– Bem...

Nisso ouviram um som metálico, como uma sineta, vindo da mesa. O mestre tocou um ponto e apareceram alguns sinais na tela. Ergueu os olhos para os Andrômeda, depois voltou à conversa.

– Onde estávamos? Ah, sim: de onde vieram?

– Dos arredores de Taara.

A luz azulada acendeu-se outra vez. O mestre não mais se conteve e apertou um ponto avermelhado sobre a mesa. Um jato de luz verde circundou os Andrômeda. Ficaram presos no círculo.

– O que é isso? Perguntou Solano nervoso.

– Vocês são espiões Godônios. Conhecem muito pouco sobre nós para serem dos nossos. Vou entregá-los à segurança.

– Não! Por favor. Diremos a verdade, Uris já havia descoberto. Não se trata de nada ruim, muito pelo contrário, creio que será uma interessante ocasião para ambos. Nós somos de outro planeta.

O mestre olhou-os e, incrédulo, riu em tom sarcástico, mas resolveu fazer o jogo dos Andrômeda.

– Que planeta?

– A Terra, respondeu Solano a contragosto.

– Ora, essa palavra vocês ouviram pelo Audium, por isso a

usam. Fui informado de que estiveram presentes na descoberta.

– Mas somos de lá mesmo, estamos viajando pelo espaço, explicou Estela.

– Provem.

– Temos uma nave espacial.

– Onde?

– Além do bosque, numa clareira. Mas, por favor, não comunique aos outros, não queremos alvoroçar ninguém.

– Mestre, disse Luana, – sabe que existe a palavra Terra e que ela se refere a um planeta. Pois bem, quando chegamos aqui, dissemos a Uris que éramos da Terra e ele estranhou, mas transmitiu-lhe exatamente isso, quando aqui entramos pela primeira vez. O senhor ouviu Terra, mas o corrigiu dizendo Taara. Isso nos deu a ideia de fingirmos ser de lá.

O mestre pareceu lembrar algo.

– Está bem. Iremos até a nave verificar.

Apertando outro ponto da mesa, o mestre transformou a luz verde em uma fumaça que os Andrômeda respiraram. O efeito da fumaça foi que perderam o controle sobre si. Ouviam, andavam, mas não pensavam, não escolhiam, não relutavam. Então o mestre pôs no próprio pulso um pequeno aparelho com dois botões, um vermelho outro branco.

O pequeno grupo caminhava junto. De longe pareciam passear. Atravessaram o bosque, chegaram à clareira. Apenas Órion foi tirado do transe.

– Onde está a nave?

Olhou em torno, reconheceu o lugar.

– Estava aqui. Sumiu.

– Está mentindo!

– Não, mestre! Lembro que muitos passarinhos vieram cantando e eu peguei um. Por que eles não fogem?

– Ora, por que não lhes fazemos mal.

– Mestre, venha cá! Veja as marcas da nave.

– Sim. Aqui há algumas marcas de carros godônios.

– Claro, foram eles que roubaram a nossa nave.

– Vou chamar a guarda.

Apertou um botão de um segundo aparelhinho sobre o pulso esquerdo e chamou a segurança.

Todos ainda estavam controlados. Apenas Órion livre, mas era apenas uma criança. Em breve seriam interrogados e depois devolvidos aos Godônios. Como explicar sua situação?

O mestre olhava para o bosque esperando pelos reforços. Temia a chegada dos Godônios. Não podia movimentar os prisioneiros, pois o efeito da paralisação estava no final e movimentá-los só apressaria o processo. Restava esperar.

Órion foi até o pai, puxou-o, quis lhe mostrar que a nave sumira. Fez isso com todos, mas ninguém reagia.

A ansiedade do mestre, sempre olhando para o bosque, não o fez perceber que Órion se aproximava. Rápido, o menino bateu no braço do mestre e derrubou o aparelho. Pegou o objeto e correu. Apontou-o para os familiares e apertou o botão vermelho. Uma vibração fez o menino tremer todo, mas viu,

feliz, que o pai reagia e todos lentamente se refaziam. Antes do mestre agir, todos o cercaram.

– Não lhes faremos mal algum. Diga-nos apenas onde escondeu nossa nave.

– Como? Eu nem acredito que haja uma!

– Não somos Godônios, somos da Terra e só queremos voltar para lá.

– Mas eu não sei de sua nave.

Nisso ouviu-se o som de passos se aproximando no bosque.

– É a segurança, pai. Vamos fugir.

– Adeus, mestre, já que não crê em nós. Sua civilização é muitíssimo interessante, pena que temos que ir.

– Eu...

Nisso os Andrômeda sentem-se leves e um formigamento lhes percorre o corpo.

O mestre ficou estático e extasiado olhando o nada à sua frente. Quando chegou a guarda, mostrou as marcas dos veículos godônios pelo chão, mas seus olhos buscavam o espaço.

GUERRA

E

AZ

Como seria Vênus, o vizinho planeta da Terra? Sabe-se tanto e ao mesmo tempo tão pouco de lá. Valeria a pena uma visita? As peripécias já vividas foram interessantes, mas principiavam a se tornar perigosas.

Vênus foi pilhada em seus pensamentos pelo moço da nave-planeta.

— Apreensiva?

— Estou medindo se valerá a pena uma ida a Vênus.

— Você pode abdicar dessa visita, só depende de você.

— Será perigoso? Eu temo por mim e pela minha família.

— Bastante estranho, mas o passeio poderá ser muito útil.

Perigoso? Não posso negar.

— Então será útil?

— Toda experiência é.

— Sofreremos?

— Talvez. Dependerá de você sobretudo.

Vênus pensou, balanceou um perigo que desconhecia com a possível utilidade, o medo com a esperança, a ansiedade com a angústia, a curiosidade com a covardia. A garota foi otimista em sua justiça particular, pois acreditava que o moço da nave os protegeria. Resolveu assumir os riscos. Tinha confiança em si também. Além do que, quando haveria oportunidade assim novamente? Isso tudo era tão inusitado.

As Andrômeda entraram, seguindo o moço da nave-planeta, numa sala com seis leitos muito brancos e aconchegantes.

— Esta viagem só poderá ser feita dormindo profundo sono. Desta vez estarão ligados à nave por um fio de luz prateado. Esse fio é o caminho de volta. Só vocês poderão rompê-lo, mas não o façam por nada. Deitem-se agora. Assim que repousarem suas cabeças, estarão em sono hipnótico, que irá se aprofundando até o sono natural mais profundo. Estarão muito próximos da morte.

A última frase nenhum deles ouviu, pois já dormiam. Após alguns minutos de sono, principiaram a se sentir leves, como se flutuassem. Abriram os olhos e se encontraram no espaço. Um tênue cordão de luz prateada saía da parte superior de suas cabeças na direção do espaço. Pressentiam uma iminente queda. Deram-se as mãos apoiando-se um no outro. Embaixo, espessas nuvens impediam de ver onde desceriam. A descida foi lenta e com alguma apreensão, pois não os abandonava a sensação do vazio espacial nem o medo de se arrebitarem no chão de repente. Só quando se embrenharam nas nuvens, começaram a sentir prazer no fato de estarem flutuando. O medo fugiu de suas mentes e cada um começou, a seu modo, a usufruir aquele voo às cegas para um lugar desconhecido. Soltaram as mãos. As tensões sumiram e iniciaram as impressões agradáveis de um voo livre.

As nuvens foram ficando mais transparentes e começaram a ver o planeta, do qual pareciam emanar constantes gases. O chão parecia muito escuro.

À medida que se aproximaram do solo, maus presságios encheram a mente de todos. Começaram a sentir mais peso. E a angústia reapareceu. Voltaram a se dar as mãos. Um calafrio percorreu o corpo de cada um.

Sentiam como se entrassem num enorme castelo assombrado. Os olhares cruzavam-se demoradamente, estalando susto pelas órbitas bem abertas. O chão estava bem próximo, o perigo aguardava.

Desceram, enfim. Pisaram um chão lodoso e grudento. Solano afundou os pés até os tornozelos naquele barro escuro. Órion, Celeste e Estela afundaram os pés, Luana parecia ter pisado em local rijo, mas sujara o solado. O curioso aconteceu com Vênus, continuava flutuando rente ao chão. Estranharam, principalmente a garota.

Olharam os arredores com preocupação. O perigo parecia sondá-los. Não era noite nem pleno dia. Uma luz indefinida iluminava o entorno. Viram um local mais alto, uma colina mais clara.

— O que será?

— Não sei, Órion, vamos ver.

Aproximaram-se custosamente. Andar naquela lama era pesado. Vênus e Luana ajudaram os outros, que continuavam afundando, enquanto elas não.

— Pai, veja! É gelo!

— Curioso, assim de repente.

Pisaram. Resolveram caminhar por ali, ao menos não afun-

davam na crosta rija de gelo. No início foi bem, apesar dos es-
corregões, depois começaram a sentir o frio, principalmente
Solano, o filho, a mulher e Estela. Luana apenas percebia uma
brisa fresca e para Vênus a temperatura era normal. Novamente
algo estranho nessas diferenças.

— Solano, pessoas ali!

— Onde, Celeste?

— Ali, ao lado daquele monte de gelo.

Duas pessoas realmente cavavam o gelo com pá e pica-
reta. Vestiam farda verde-acinzentada com galões nos ombros
e três estrelas no lado esquerdo do blusão.

Arregalaram os olhos assim que viram os Andrômeda e
fixaram-se nas mulheres. Trocaram palavras incompreensíveis
entre si e seguraram a pá e a picareta com firmeza, em posi-
ção de ataque. Solano adiantou-se fazendo gesto de paz, mas
não resolveu, pareciam dispostos a atacar. Então Vênus falou
com eles. Olharam estranho e a entenderam. Fizeram várias
perguntas que os outros da família não compreenderam.

— Pai, disse Vênus, — eles são russos e pensam que estão
na Sibéria, querem saber se já terminou a Revolução Russa e
perguntam se sabemos de Stalin.

— Diga que a revolução já acabou e que Stalin morreu há
muito tempo.

Ao ouvirem a notícia, protestaram e disseram ser soldados
de Stalin e que por isso não poderiam estar na Sibéria e nem

sabiam como tinham chegado ali.

Solano julgou-os loucos, mas como estariam ali? Como chegaram a esse local? Será que a Rússia havia desenvolvido secretamente um programa espacial há tanto tempo e mandaram homens ao espaço no tempo de Stalin? Se fosse, deveriam estar velhos, mas estes eram jovens. Tudo parecia insólito. Ou será que vieram como nós e ficaram presos para sempre. Eles não têm o fio prateado.

— Pai, eles querem que mamãe e Luana fiquem com eles, se não vão pegá-las à força. Se elas ficarem poderemos ir em paz.

— Não, isso nunca! Vamos sair daqui!

Começaram a correr pelo lado do qual vieram. Os russos largaram pá e picareta e vieram atrás. Logo mais à frente voltariam ao barro. Estavam sendo alcançados. Órion vinha atrás. Entraram no lamaçal. O inimigo estava no gelo a dez metros. Teriam que lutar. Algo muito estranho, porém, começou a acontecer. Os russos olhavam para todos os lados e não os viam, no entanto eles estavam ali, na beira do gelo. Os Andrômeda viam os russos, mas estes não os viam. Haveria alguma barreira invisível que só os Andrômeda poderiam passar? Eles pareciam ver só gelo. Falavam entre si, Vênus os escutava. Não compreendiam onde os desconhecidos estariam escondidos. Tomaram um rumo e se foram.

Sentindo-se mais seguros, retomaram a caminhada. Andaram um pouco e o terreno mudou outra vez: desapareceu o

lodo, vieram as pedras soltas.

Apenas entraram nesse novo ambiente e começaram ouvir o ruído de muitos passos em marcha. Aproximaram-se cautelosos do barulho. Estendia-se um vale enorme e arenoso e nele um gigantesco exército marchava. Estavam armados com espadas e lanças. À frente ia um homem alto e troncado de pele morena. Os Andrômeda esconderam-se atrás de uma pedra grande. O exército, seguindo sua marcha, passaria bem perto. O homem da frente achegava-se, tinha olhos repuxados e barba rala, lisa e longa, lembrando um bárbaro mongol.

— Parece Gengis Khan, cochichou Luana, recordando um filme que vira.

Todo o exército era feito por mongóis que pareciam cansados. O líder gritava o tempo todo, acenando para frente. Passaram demoradamente. A família continuou. O lugar era mesmo muito estranho.

Depois que caminharam um pouco, ouviram gritos, gritos de desespero. Apressaram o passo. Por trás de algumas rochas, elevava-se fumaça, densa fumaça. Correram naquela direção. A cena era horrível. Havia dois troncos a que estavam amarradas duas pessoas. Os troncos distavam aproximadamente cinco metros um do outro. Ambos estavam cercados por muita madeira e palha. Num deles uma grande lavareda crepitava. Mal se via o homem em meio à fumaça e o fogo. Ouviam-se os gritos desesperados do segundo e os de dor do

primeiro. O fogo se aproximava do segundo. Este se vestia de modo estranho: uma túnica púrpura, belas sandálias e usava um barrete da cor da túnica.

Vênus subiu no monte de lenha e desamarrou o homem. Este, assim que se viu livre, correu e gritou um agradecimento apressado.

— Deus vai recompensá-la!

Quanto ao outro, nada mais podiam fazer.

— Quem será que fez isso?

— Nem imagino, Solano. O que fugiu não parecia um bispo?

Um pouco além na caminhada dos Andrômeda, os mesmos gritos de dor e desespero. Outra vez a mesma cena; desta vez, no entanto, ao se aproximarem, viram a pessoa, que há pouco libertaram, queimando, juntamente com a primeira. Ficaram sem nada entender. Chocados.

— Que mundo louco é este? Só há doidice!

— O que faremos, Solano? Vamos voltar?

— Mas como, pai?

— Por onde viemos, Estela.

— E se encontrarmos o exército?

Solano estava indeciso. Observou em torno. Via-se a pouca distância. Tudo quieto, qualquer lado levaria ao desconhecido. Sentaram e resolveram repousar um pouco.

A tristeza abateu-se sobre a família. Não viam finalidade nesse desastrado passeio sobre o que presumiam ser o planeta

Vênus. A própria Vênus mostrava-se decepcionada e começou a entoar uma canção antiga do folclore: Uirapuru, uirapuru! Seresteiro cantador do meu sertão. Uirapuru, uirapuru! Tens no canto as mágoas do meu coração.

Lentamente a família foi acompanhando, cantavam com frequência juntos, e, em pouco tempo, todos cantavam. A sua avidez da canção provocou saudade em todos. E a melodia ecoava: ... se Deus ouvisse o que te sai do coração, entenderia que é de dor tua canção...

De olhos fechados e cantando, cada um imaginou sua casa, a praia de onde saíram, as coisas cotidianas que faziam e assim envolvidos não se deram conta dos seres que se aproximaram atraídos pela música.

A canção terminou, continuaram de olhos fechados, querendo prolongar o prazer daquele momento. Foram bruscamente interrompidos pela algazarra ruidosa que eclodiu em torno deles.

Foram cercados por pessoas muito diferentes. Eram seres brutais, medonhos. Os Andrômeda abraçaram-se com muito medo. Solano passou a observá-los, como se os reconhecesse. Um deles era o homem que ia na frente do exército de há pouco. Outro meio gordo, baixo, mas de postura imponente, mão direita na altura do estômago por dentro de uma farda azul, vermelha e branca, Solano o conhecia de algum lugar. Havia um terceiro, com uma suástica no braço esquerdo da farda que Solano juraria ser Hitler, até o bigode era igual.

O que parecia Hitler começou a falar. Outros interromperam e falaram ao mesmo tempo. A família nada entendeu. Nem eles se entendiam. Falavam línguas diferentes.

Vênus tomou a iniciativa, afinal o moço da nave havia dito a ela que tudo dependeria dela. Dirigiu-se a um deles. Este parecia entendê-la. Conversaram.

— Mãe, este diz que é César, imperador de Roma e tem o exército mais poderoso do mundo para nos proteger.

Vênus conversa com outro, em outra linguagem.

— Diz ser Aníbal, general cartaginês, com o mais forte exército para nos salvar.

É assim que a garota descobre que estão cercados, nada mais nada menos, por Napoleão Bonaparte, Stalin, Hitler, Gengis Khan, além de Aníbal e César, cada um acompanhado de alguns auxiliares. Todos diziam querer protegê-los. O que fazer diante desta situação? (Realmente este planeta é destinado aos loucos, pensou Solano.)

Vênus perguntou a cada um por que estavam ali. Responderam que a guerra continuava e tinham que lutar, mas era penoso lutar sempre, pois não tinham mais descanso e queriam parar, mas não podiam. Tinham medo da derrota e se sentiam sempre traídos. Por isso, quando ouviram a música, há muito tinham esquecido, aproximaram-se esperançosos de que algo bom acontecia. Todos sentiam inveja um do outro, por não serem os únicos a ouvirem a música. Agora teriam que lutar

para ver quem levaria os músicos consigo.

— Então seremos o prêmio de uma disputa? Nós podemos cantar para todos de uma vez, disse Solano.

Bem que Vênus argumentou com todos, insistindo na ideia de que deveriam viver em paz. Quem convenceria aqueles seres embrutecidos, que só conheciam a guerra, que sabiam apenas dominar, a mudar de ideia? Mesmo abatidos e cansados da luta, a perspectiva de uma nova disputa por um prêmio tão especial e a esperança da vitória reacendeu a disposição.

Abriu-se um espaço e em movimentos tácitos, como se obedecessem a um código, os adversários tomaram posições: a águia romana contra o tridente cartaginês; a foice e o martelo contra a suástica germânica; a astúcia napoleônica contra a brutalidade de Khan.

Os adversários se estudavam. Seus rostos sanguíneos expressavam ódio e seus olhos frios cortavam como navalhas retalhando o inimigo. Quem daria o primeiro golpe? Quem se exporia primeiro? Assemelhavam-se a animais esfomeados disputando uma presa já morta, com medo do embate, pois se equivaliam em competência.

Os Andrômeda estavam acuados. Solano ensaiava um gesto paço e os que aqui encontramos não têm e nem percebem que temos?

Curioso era outro fato: já se passaram muitas horas desde que desceram e ninguém sentia fome ou sede.

A luta ocorria num corpo a corpo sanguinolento, todos estavam muito feridos, ninguém vencida, ninguém se entregava. O ódio foi cedendo ao cansaço, a vontade de vencer dava lugar à necessidade de permanecer em pé. Os gestos eram lentos e as pancadas escassas.

Outro fato se destacou para Solano: como Khan, tão forte, não consegue derrotar Napoleão, menor e bem mais franzino? Havia de verdade uma disparidade física entre todos eles, mas isso não dava vantagem aos mais fortes. Por quê?

— Papai, por que ninguém vence?

— Filho, é que ninguém quer perder, acho que valemos muito para eles, ou um tem muita raiva do outro.

— Pai, eu vou interferir.

— De que adiantaria! Luana, eles não nos entendem.

— Já sei, papai, vamos cantar. Eles gostaram tanto antes, talvez parem de lutar para ouvir. A sugestão foi de Vênus, que parecia a mais lúcida da família no momento.

Era meio esquisito cantar enquanto os outros brigavam, mas alimentava uma esperança. Celeste entoou Luar do sertão, do Catulo Cearense. Todos cantaram juntos o estribilho. Quando começou a estrofe, Vênus cantou só. A voz solitária da menina lançou-se no espaço como um violino muito afinado. Oh que saudade do luar da minha terra lá na serra prateando as folhas secas pelo chão... A luta cessava com movimentos suspensos ao meio. Era como se os músculos se houvessem entorpe-

cido por encanto. Trôpegos, os guerreiros se acercaram aos Andrômeda. A segunda estrofe foi solada por Órion em bela voz infantil. Assim, sucessivamente todos cantaram seu solo, e foi Solano quem encerrou o último refrão.

Os aplausos e a algazarra que se sucederam ao encanto foram tão barulhentos como da primeira vez, mas continham mais admiração.

Aproveitando o momento, Vênus disse que podiam cantar para todos, que não havia a necessidade de lutarem.

Hitler, porém, retrucou:

— E com quem vão ficar depois de cantarem?

— Iremos embora, respondeu Vênus.

— Para onde, se tudo aqui pertence a nós seis? Para onde quer que vão, serão de um de nós seis.

— Mas até agora não sabiam de nossa existência, voltaremos para donde viemos.

— Não, agora nós queremos música sempre, alivia nossos pesares. Com quem vão ficar?

— Com todos, então.

— Mas não podemos ficar aqui reunidos sempre. Temos que comandar.

Vênus transmitiu a conversa que teve a César e este sugeriu:

— Cada um de nós leva um de vocês.

— Não. Nós não nos separamos.

Então César afastou-a com as mãos, dirigiu-se à família e,

sem falar, agarrou Luana e levou-a a Napoleão, que a segurou pelo braço, depois deu Estela a Aníbal, Órion a Khan, Celeste a Hitler, Solano a Stalin e ele mesmo ficou com Vênus. Com gestos fez os outros entenderem a divisão. Todos aceitaram, menos os Andrômeda que se debatiam.

— Pai, eles vão nos separar, gritou Vênus.

— Mãe, mãe, ajuda! Soluçava Órion.

— Filho, filho! Chorava Celeste.

— Vênus, tenta convencê-los, pedia o pai desesperado.

Nem súplicas nem lágrimas adiantaram. Cada qual arrastou seu prisioneiro. Cada Andrômeda estava agora só.

A tragédia da família foi o primeiro importante passo na transformação daqueles seres brutais. Eles, que sempre foram possessivos e absolutistas, pela primeira vez dividiram, cederam, concordaram, aceitaram. No difícil caminho do aprendizado, longo e árduo, uma vida é pouco.

Separados, os Andrômeda sentiam a falta um do outro, mas resistiam, cada um a seu modo, pois imaginavam que o moço da nave-planeta interferiria caso houvesse necessidade. Por ora, porém, sofriam as dificuldades do isolamento dos seus.

Caminharam muito. Órion mostrava uma fibra acima do esperado para uma criança. Primeiro chorou, depois veio o medo, por fim abaixou a cabeça e seguiu o caminho sem mais molestar ninguém. Khan olhava, de vez em quando, sua presa como a mais importante de toda a sua carreira bélica, mas

levava apenas uma criança solitária e com medo.

Percebendo no menino o cansaço, Khan ordenou o descanso. Bom sinal de complacência. Ao retomarem a caminhada, o guerreiro alçou o menino até seus ombros e, enquanto o carregava, chegou a desfrutar momentos de quase alegria. O menino, sem nada fazer, abalava a estrutura empedernida das emoções de Khan. Carregava Órion como a um troféu, orgulhoso e altaneiro.

Chegaram a um descampado onde se enfileiravam tendas. Khan foi ao centro delas e entrou numa maior com o menino. Colocou-o no chão sobre uma esteira. O menino sorriu agraciado por ter sido levado.

O guerreiro queria que o menino cantasse, mas não sabia dizer. Tentou gestos, não deu certo. Ficou irritado e saiu da tenda, deixando Órion atemorizado. Só, Órion começou de fato a se dar conta do desamparo em que estava e chorou, chorou muito. Khan ouviu os soluços, não entrou na tenda. Quando não mais ouviu o choro, percebeu o murmúrio de uma triste canção infantil. O guerreiro entrou sem fazer ruído, acomodou-se e ouviu em silêncio. Terminada a cantiga, foi até o menino e passou a mão na cabeça dele num gesto meio sem jeito. Depois agachou-se diante do garoto e começou a falar e gesticular. Apontava para si e para o menino, sem que este entendesse o significado. Depois de muito insistir, desistiu ante a incompreensão. Queria dizer a Órion que Khan era o pai e o

menino o filho. Sentou-se escorado na tenda diante do menino. Órion já não o temia como antes e olhou-o nos olhos. Khan fez sinal para que deitasse sobre sua perna, fazendo dela travesseiro. Órion, meio tímido, obedeceu, estava mesmo cansado. Imediatamente as imagens do pai, mãe e irmãs vieram a sua mente. Sua tristeza não cabia na alma e as lágrimas retornaram entrecortadas por soluços. Khan permaneceu em silêncio. Órion lembrou-se da mãe que lhe dizia quando estiver triste, muito triste, cante. A música leva a tristeza embora. Fez um esforço e começou: lá, lá, lá, lá... Não havia letra, apenas a repetição do monossílabo em tons diferentes. Khan achou a letra simples e tentou acompanhar desafinado. A canção alongou-se um pouco mais e Órion adormeceu. Khan ainda ensaiou alguns lá, e caiu também em profundo sono. Era escuro há tempo lá fora.

Finalmente descanso para o guerreiro. O último sono de Khan perdia-se no tempo, pois foi quando uma lança varou as suas costas, lançada à traição. Durante o sono, Khan murmurou algumas palavras:

— Chega de guerra, quero paz.

Enquanto isso, à luz de uma lamparina, Luana dizia umas poucas palavras em seu francês precário, palavras que surpreenderam Napoleão.

— E la France? Inquiriu o monarca.

— A França é um país poderoso e desenvolvido.

— Livre?

Luana fez gesto positivo.

Estavam numa construção antiga, onde o imperador residia sem nenhum conforto. Luana já havia passado pela fase do choro, estava agora entretida em conhecer a personalidade do antigo soberano da França. Napoleão continuava vaidoso e possessivo, mas começava a fazer pequenas concessões. Abstivera-se, até o momento, de investir contra Luana. Aquela mocinha, a princípio, inspirava-lhe admiração e beleza, mas não sensualismo. A visão que dela fazia não era de mulher, mas de deusa.

Conseguiram conversar um pouco, mesmo entendendo-se mal. Durante a conversa, Napoleão foi percebendo que a garota tinha o verdadeiro encanto feminino, que não era somente uma deusa, mas também mulher. Muito de leve alguns pensamentos se insinuaram na mente do homem. Luana percebia que ele lentamente mudava de atitude e o medo começou a se instalar, diminuindo a espontaneidade da conversação. A proximidade dele tornava-se inquietante e seu sorriso mostrava-se inequívoco e insinuante. Luana tremia e ruborizava, e mais sua tensão aumentava. A um gesto do imperador, ela entendeu plenamente o que a esperava. Ameaçou correr, mas ele, atento, segurou-a pelo braço. Aquele contato a fez atingir o clímax da angústia e gritou desesperada.

César, com seu espírito bélico, observava o funcionamento de suas armadilhas de defesa, enquanto Vênus, muito bem guardada, apreciava sua competência. Estavam num campo

de batalha previamente preparado para a luta. Todos, no acampamento camuflado, estavam em intensa atividade como se preparando para receber um ataque. César temia que algum dos inimigos não gostasse da divisão dos Andrômeda feita por ele e atacasse para roubar a presa.

Vênus foi colocada em uma jaula para que não fugisse, pois César a considerava bastante astuta. Finalmente sozinha, a menina entregou-se às suas reflexões e não pôde furtar-se às grossas lágrimas que teimavam umedecer a seda de seu rosto. Doloridas lágrimas representavam a certeza da separação da família. Como estariam papai e mamãe? E os irmãos? Sentia-se responsável pela desgraça, pois optara pela viagem e assumira os riscos. Mas deve haver uma saída. No momento certo eu saberei. Esse pensamento lhe deu alguma calma e relaxou o suficiente para raciocinar. Como usar esse fio prateado para retornar? O moço da nave disse que esse seria o caminho de volta, mas como?

Um pressentimento lhe percorreu o corpo. César se aproximou da jaula. Parou diante dela. Nesse instante, Vênus ouviu em seu íntimo um apelo fortíssimo, algo que a atraiu, que a impediu de ver e pensar e, num repente, viu-se impulsionada para o espaço e desapareceu da jaula como por mágica, diante do olhar aturdido de César. Escurecia.

Estela, cansou da longa caminhada. Aníbal, então, providenciou uma maca e ordenou a dois soldados que carregassem

a menina. No monótono balanço dos passos, ela adormeceu, enquanto os soldados viajavam noite adentro.

Celeste era arrastada por Hitler que, com rápidas e enérgicas ordens, preparava-se para atacar Stalin, pois queria pegar Solano. Tendo o casal, poderia organizar novas sinistras e macabras experiências, além do que aumentaria seu poder. Celeste caminhava automaticamente com olhar vago. A separação da família foi um grande golpe que a deixou vazia de vontade.

Os soldados armavam a tocaia.

Stalin, por sua vez, mandara um grupo na frente para inspecionar o caminho. Solano caminhava a contragosto, revoltado mas impotente diante da situação. Iam em silêncio. Os comandados de Hitler viram o destacamento de Stalin e atacaram furiosamente, dominando a situação em instantes.

Stalin vinha próximo com o grosso da tropa. Deu ordem para que parassem para saber dos batedores. Demoravam, o que pôs o guerreiro em alerta. Chegando ao local em que os batedores foram presos pelo inimigo, percebeu logo que se tratava de uma armadilha e ordenou posição de combate. Os comandados de Hitler lançaram-se sobre eles com fúria, enquanto Stalin e os seus se defendiam com todo o empenho.

O chefe russo puxou Solano e, com um pequeno grupo de soldados, afastou-se um pouco da luta. Esconderam-se atrás de algumas rochas de onde se podia ver bem o combate. Parece que Hitler teve a mesma ideia, só que com outra intenção.

Encostou Celeste contra a parede rochosa e tentou beijá-la, justamente quando Solano e Stalin o viram. O primeiro, de um salto, puxou o surpreso inimigo pelos cabelos e lhe deu um soco no rosto, jogando-o longe. Celeste, ao ver Solano, saiu do torpor que a envolvia e gritou com alegria, lançando-se nos braços do marido.

Os soldados de Stalin prenderam Hitler, enquanto o faziam se distraíam com a inesperada conquista. Solano e Celeste aproveitaram e se esconderam entre rochas e foram se distanciando.

Escurecia. O casal não falava, andavam, corriam. Ao perceber a fuga, Stalin ordenou a procura. Nessa altura, Solano e Celeste já estavam a uns duzentos metros do local. A sorte os acompanhava, pois os soldados correram para o lado oposto. A escuridão desceu rapidamente, o que ajudou os fugitivos. Pararam um instante para tomar fôlego, mas já iam longe e pareciam mais leves. Solano bendizia a atividade esportiva que praticava sempre e Celeste lembrava do voleibol dos sábados na cancha da universidade. Estavam com alguma forma física, aguentavam correr mais. Foram.

No espaço, Vênus se sentia muito leve, flutuava, voava. Uma visão se foi formando na mente ainda incrédula com o que acontecia. Algo como um pedido de socorro ecoava no cérebro.

Nesse momento Napoleão segurava Luana e tentava beijá-la. Entre lágrimas e desesperados pedidos de socorro, Luana se debatia. Ele, irritado pela não submissão da mulher, deu um

bofetão no rosto dela. Luana caiu desmaiada. Revoltado pela fraqueza da moça, dizendo alguns palavrões, o agressor se retirou.

Vênus avistou o casarão e se aproximou cautelosa, entrando por uma janela iluminada. Viu Luana no chão e foi até ela, tentando acordá-la. Pôs a mão por baixo da cabeça dela. Não acordava. Então começou acontecer algo estranho, Luana foi se tornando translúcida e desapareceu entre os braços suspensos da irmã. Vênus olhou para todos os lados e, não vendo a irmã, saiu sorrateiramente da casa.

Estava agora só na escuridão. Um medo fantasmagórico tomou conta dela, enquanto ia procurando no escuro.

Após algum tempo de medos, ela ouviu ruído de passos apressados. Escondeu-se. Os passos pararam bem próximos e ela ouviu as vozes ofegantes.

— Será que já é suficiente?

— Creio que sim, nessa escuridão eles vão parar de nos perseguir.

Vênus deu um salto e quase gritou:

— Papai! Mamãe!

— Vênus! Ambos surpresos. — Você também conseguiu fugir!

Emocionados contaram, cada um como podia, a sua aventura. Estavam cansados e adormeceram abraçados sobre o chão seco. Dormiram profundamente. Foram se tornando diáfanos até desaparecerem por completo.

Solano, Celeste e Vênus despertaram e se viram na nave,

onde já os aguardava Luana, a quem se abraçaram.

— Onde estão Órion e Estela?

— Não sei, mamãe. Aqui não estão.

— Nós os deixamos lá. Eu quero voltar!

Celeste falava como mãe desesperada, não podia aceitar a perda de dois filhos de uma vez.

Entrou o moço da nave.

— Calma, senhora, logo estarão aqui.

Sobre as camas de Órion e Estela havia uma luz escura que impedia de ver seus corpos ainda inertes. Aos poucos a luz começou a clarear, tornar-se azulada e em breve Estela e Órion abraçavam os seus.

Passada a emoção do reencontro, a família fez um interrogatório cerrado ao moço da nave, que, pacientemente, respondia a tudo.

— Como fomos parar naquele lugar?

— Quando vocês ainda estavam na nave, mas já adormecidos, liguei esta chave. Os leitos se envolveram por uma luz azulada suave. Alguns instantes depois, vocês emergiram dos corpos inertes em outros corpos, idênticos aos deitados, mas como se fossem fantasmas aos olhos de um mortal. Entre o corpo sutil e o que repousava, instalou-se o fio prateado. Os corpos deitados respiravam e dormiam, os fantasmas desciam no planeta Vênus sem saberem realmente o que acontecia e o apego ao mundo e às necessidades físicas fez com que tudo o

que vissem e sentissem fosse como se fosse de verdade físico.

— Por que uns afundaram mais na lama que os outros ou por que sentiram mais frio?

— As sensações físicas que cada um sentia eram tão mais fortes quanto maior a integração e apego de cada um ao mundo da matéria. Os mais sensíveis da família sentiam menos os penares do corpo, pois parece que as dores e sofrimentos funcionam como medos e projeções da mente com efeitos na matéria.

— Mas como eu podia me comunicar com todos, se nunca falei outras línguas?

— Você, Vênus, é muito inteligente e humilde. Por isso tem valores bem evoluídos. Quando ouvia os seres, entendia com a mente e não com os ouvidos. Literalmente você lia seus pensamentos e comunicava também pensamentos. Lembrem que vocês estavam realmente lá, mas não na forma física. Só parecia físico. Não havia necessidade dos sentidos, embora parecesse que eram eles que realizavam o contato com tudo. Além disso, não tenha tanta certeza de que nunca falou outras línguas.

Era difícil aceitar aquelas respostas, pois estavam acostumados a medir tudo pelos sentidos. Então há outras medidas? O moço explicou que os microrganismos existem, mesmo que não possamos vê-los. Para isso desenvolvemos aparelhos que nos ajudam. Fez com que lembrassem de Uris e do contato estranho que Luana teve com ele após a morte. Morte?

A família novamente se encontrava em paz. Porém, no planeta Vênus, uma guerra deflagrava-se novamente. Cinco grandes exércitos enfrentavam-se em campo aberto.

Khan acordava. Viu surpreso que o menino não estava com ele. Dormira muito. Saiu da tenda e viu que as tendas de todos os soldados haviam sumido. Correu de um lado para outro. Não compreendia. Estava só. Não havia marcas pelo chão. É como se nunca exército algum tivesse estado ali. Respirou profundamente aliviado como quem acorda de um pesadelo. Sentia-se livre. O menino lhe veio à mente e um primeiro sorriso aflorou em seus lábios. Khan foi se tornando transparente, sumindo como nuvem que se desfaz.

OS
PORTAIS
DA
PAZ

Estava na hora da última viagem. A família esperava a orientação do moço da nave-planeta. Corria um sorriso pelos lábios do rapaz, quando se aproximou dos Andrômeda.

— Como será nosso transporte? Interpelou Solano.

— Em bolhas de energia.

— Bolhas? Como bolhas de sabão? Quem perguntava era, óbvio, o garoto Órion.

— Semelhantes. Só que em lugar de água e gordura haverá ondas concentradas de energia para a proteção de vocês.

— Não haverá perigo no lado interno da bolha? Como vamos nos proteger da energia para não sermos eletrocutados?

— Todos usarão este aparelho no pulso.

Mostrou uma espécie de relógio digital com três botões: azul, vermelho, amarelo. Um dos aparelhos possuía quatro botões. O quarto era branco.

Colocaram seus aparelhos.

— Apertem o botão azul.

Assim que o fizeram, apareceram, em torno de cada um, círculos levemente azulados e começaram a flutuar, sem sair do lugar.

Solano sentiu o impulso de apertar o botão branco. Imediatamente, todas as bolhas juntaram-se em uma só e todos estavam próximos um do outro.

Então veio um comando mental e todos apertaram o botão vermelho. A bolha se desfez e caíram de meio metro de altura.

Desequilibraram-se um pouco, mas permaneceram em pé.

— Muito interessante! Mas para que serve o botão amarelo?

— É o botão do movimento. Apertando-o movimentam-se.

— Em qual direção? Como vamos nos orientar? Celeste quem perguntava.

— Para a direção é preciso usar este diadema na cabeça. Ele captará os impulsos de seus neurônios de direção e os enviará ao aparelho do pulso. Assim, vocês irão na direção que suas mentes determinarem. Se estiverem em uma só bolha, a orientação é de quem tem o botão branco.

— Não há perigos? Interrompeu Luana.

— Há. Primeiro para quem estiver fora da bolha. Solano, dê-me um lenço!

Solano o entregou.

Ligue o aparelho!

Ligado, o moço jogou contra a bolha o lenço. Este, assim que tocou as ondas energéticas, pulverizou-se e sumiu.

— Como nada acontece de dentro? Perguntou Solano já seguro no chão

— As ondas partem de dentro para fora, portanto são agressivas apenas no exterior. É como um projétil arremessado de uma arma, ele não fere o revólver, mas quem se encontra no caminho dele.

— Que outro perigo há?

— Se duas bolhas se encontrarem, elas se anulam e os

que estão dentro terão segundos para apertarem os botões e recriarem nova bolha. Caso contrário, explodirão pela falta da pressão atmosférica.

— Então é mais seguro viajar numa bolha?

— Naturalmente, Vênus.

— E existe algum outro problema que devemos conhecer?

— Sim, Solano. Procurem não se chocar contra corpos maiores que a bolha, pois poderá também romper-se.

— Qual será a velocidade?

— Com o botão amarelo, o equivalente a cem quilômetros por hora. Mas essa velocidade poderá ser aumentada ou diminuída. Duplicará a cada vez que apertar o botão azul e se tornará a metade se apertados o azul e amarelo ao mesmo tempo.

— Estamos todos numa bolha, como se faz para alguém sair dela para a bolha individual?

— Basta apertar o azul. Solano ficará só quando todos apertarem o azul.

— Como vamos respirar na bolha? Estela perguntava.

— O aparelho se encarrega de captar do espaço os elementos necessários para o oxigênio.

— Poderemos nos comunicar, quando em bolhas separadas?

— Certamente, Luana. O diadema será o intermediário de uma comunicação telepática entre vocês.

Entreolharam-se. Estavam prontos.

— Terão três horas terrestres para a exploração de alguma

coisa nessa nebulosa de Andrômeda, como dizem. Ao saírem da nave, passarão por um espaço bastante escuro

Do lado externo da nave-planeta era escuro, a não ser bem próximo dela, de onde emanavam raios azul-prateados não muito intensos. Iam juntos numa única bolha, a cem quilômetros por hora. Parecia bem devagar. Existia uma poeira densa no espaço, uma poeira negra. Solano mudou a direção, querendo desviá-la. Entrou numa nuvem de gases. Mal viam à frente. Parecia uma densa neblina. Penetraram mais, na esperança de chegarem ao outro lado. Depois de meia hora de viagem tensa naquela neblina e já com desejo de voltar, viram luminosidade. Em instantes, descortinou-se diante deles um cenário diferente, exótico, inexplicável. Não entendiam o que viam, mas era bonito, atraente.

Havia cores e coisas. Um vasto espaço livre que devia ter mais de vinte quilômetros. Esse espaço estava cercado por objetos disformes como meteoritos em forma de esculturas em fase inicial de trabalho. O curioso era que os meteoritos pareciam sobrepostos, isto é, os que estavam atrás também eram vistos. O fenômeno intrigava tanto, que Solano pensou estar em outra dimensão. O mais interessante era que, estando dentro do local, aquele lugar parecia uma imensa bola sem saída, pois tudo o que os cercava parecia ser sólido e impenetrável, embora diáfano.

Ao centro havia outro estranho objeto, não maior que um

automóvel de passeio, de coloração clara e que lançava, a cada segundo, raios de luz colorida.

O lugar era convidativo e o espaço livre, iluminado e grande.

— Papai, a gente podia se separar e cada um pilotar sua bolha.

— Celeste, o que acha?

— Eu vou tentar. Se der certo, os outros poderão fazer o mesmo.

Celeste apertou o botão azul e saltou para o espaço em sua bolha individual. Seus primeiros movimentos foram incertos, como de um motorista aprendiz. Firmou-se depois e deixou sua mente ditar a direção. Todos perceberam a sensação de liberdade da mãe.

Luana foi a seguir, depois Vênus e assim toda a família. A liberdade foi muito apreciada. Órion se sentia numa imaginária pista de autorama e realizava fantasiosas peripécias. Estela rodava numa enorme roda-gigante criada por seus pensamentos. Vênus apreciava a velocidade e a impressão de ser dona de si. Luana passeava devagar, como numa carruagem espacial, apreciando a paisagem etérea. Celeste ia longe, vasculhava os segredos daquelas diferentes paragens. Solano atrás, observando a procissão das bolhas inventando desenhos no espaço.

Órion, na avidez de usufruir ao máximo aqueles momentos, não percebeu que se aproximava bastante do objeto do centro. Quando se deu conta do fato, um dos raios atingiu sua bolha, que estremeceu. Solano, de longe, viu e sentiu o susto

do filho. A bolha, felizmente, resistiu e o menino saiu logo dali.

O passeio desenvolveu-se normal e já se divertiam há algum tempo. Solano comunicou aos familiares que se aproximassem dele para que pudesse apertar o botão branco e todos ficarem juntos outra vez. Foi nesse momento que todos estranharam o tamanho da bolha de Órion. Estava três vezes maior que as demais.

Solano apertou o botão branco e todos se juntaram em uma bolha, exceto Órion. Assustaram-se. Solano repetiu o processo. Nada. O que fazer? O pai pediu que todos se separassem novamente. Apertou o branco. Juntaram-se, menos Órion. Ficaram apreensivos. A bolha crescia mais e o garoto começou a amedrontar-se. O que estaria acontecendo? Alguma falha técnica do aparelho? Então Solano lembrou a aproximação do menino com o objeto do centro e sugeriu aos familiares de se aproximarem do objeto para o estudarem. Mantiveram-se a distância segura.

À primeira vista era uma massa sólida, porém, ao observarem seus movimentos, raios e variações, constataram tratar-se de gases com provável superconcentração de energia. Por isso emitia raios. Deveria ser a fonte de energia daquele lugar.

A bolha de Órion continuava a crescer, mas notaram que a de todos tinha aumentado um pouco depois que se aproximaram do centro. Alarmaram-se e se afastaram bastante do local.

Solano, que conhecia bastante de física, principiou uma

pesquisa mental para explicar o fenômeno e talvez solucioná-lo. Pensou muito.

— Só pode ser isso!

— Isso o quê, papai?

— Nosso campo de energia da bolha ou suga a energia do local e assim se expande, ou perde energia e a pressão interna faz com que aumente de tamanho com diminuição da camada protetora. Não posso imaginar até quando os aparelhos aguentarão. Precisamos sair daqui.

— Mas para onde? Estela pergunta com curiosidade.

Realmente olhando em torno não viam saída. Resolveram percorrer toda a extensão e verificar as possibilidades. Enquanto isso, as bolhas mais e mais cresciam. A de Órion já apresentava mais de quinze metros de diâmetro e a do resto da família, um pouco maior.

Depois de tudo verificado, constataram que estavam presos. Por onde haviam entrado? Como era possível isso? Se entraram, devem sair. Dúvidas os assaltavam e os deixavam mais tensos e nervosos.

As duas bolhas agora deviam permanecer distantes para não se encontrarem. Isso poderia provocar uma explosão e seria o fim de todos.

Celeste tentava acalmar o filho isolado que vivia um episódio angustiante para uma criança. A mãe insistia para que o menino não desligasse a bolha, pois poderia morrer. Caso se

aproximasse demais havia o perigo do choque.

— Desligar a bolha! Gritou de repente Solano parecendo ter captado o pensamento da mulher. — Se Órion desligar a bolha, será captado imediatamente pela nossa.

— Será que dará certo?

— Ao menos estaremos em uma só bolha. Vamos tentar?

— Tenho medo, sugeriu ainda Celeste.

Solano comunicou ao filho a decisão. O menino confiou e apertou o botão vermelho. Sua bolha se desfez e ele apareceu de imediato na bolha com todos. Consequência: a bolha da família duplicou de tamanho.

— Agora cada um aperte seu botão azul e fiquem distantes do centro de energia.

Saíram todos em suas bolhas individuais e cercaram a enorme de Solano. E agora, o que fazer?

Nesse instante sentiram uma interferência mental, como se a comunicação entre eles estivesse com estática. Os pensamentos ficaram confusos. Na sequência nem pensar mais podiam, pois uma força poderosa se apossara de suas vontades e os fez ir ao centro de onde emanava aquela energia. No início viram apenas o estranho objeto, mas lentamente foram se formando alvas figuras com fina beleza.

As mentes dominadas dos Andrômeda nada sentiram, nem medo, nem alegria. Apenas uma sensação de confiança e de olhos ficaram arregalados como de autômatos. Segundos

depois, as mentes ficaram livres e receberam a informação de que aqueles seres se diziam guardiães. Após a perplexidade inicial, Solano reagiu.

— Guardiães de quê?

— Dos portais da Paz.

— O que são esses portais?

— Aqui repousam muitos seres do universo que, durante suas vidas físicas, tiveram descontrole profundo de suas funções psíquicas, e assim assumiram posições marcantes e fixas que os impedem de agir com alguma racionalidade e lucidez.

— Seria um manicômio espacial?

— Aproximadamente. Aqui não há terapia física, apenas psíquica e ela é feita pelo repouso, pelo sono e sonhos e por estímulos morais em favor da vida, da harmonia, da liberdade...

Então a morte não é o fim da existência? Há continuidade? Interrogava-se ainda Celeste. Mas Solano, sempre pragmático, procurava solução para o problema próximo.

— Já compreendemos a função do local, mas nós queremos sair daqui. Como fazemos?

— Da mesma forma que entraram.

— Mas como se tudo está cercado? E essa bolha que aumenta cada vez mais?

— É por isso que viemos a seu encontro. A bolha suga energia de nosso Portal e isso está chegando a níveis perigosos. É preciso parar.

— Eu posso tentar, mas é perigoso. Posso morrer pela falta de densidade, disse Solano.

— Não se preocupe, podemos criar ambiente adequado para não correr riscos.

Solano consultou a família e resolveu confiar nos guardiães. Apertou o botão vermelho e ocorreu uma explosão com forte sucção em direção à fonte de energia do centro do local. Solano viu-se no espaço, flutuou por segundos e então apertou o botão branco de seu pulso. Imediatamente uma bolha de tamanho normal agasalhava toda a família.

Os guardiães aproximaram-se do centro energético. Solano agradeceu e perguntou.

— Como são os Portais da Paz?

— São em outra dimensão e a entrada é aqui, por este centro energético, que filtra e impede a entrada de qualquer elemento físico primário. Apenas energias psíquicas podem passar. Vão logo, antes que suas bolhas suguem nossa energia.

Dito isso, sumiram no portal.

Outra vez encontravam-se presos. Solano lembrou que haviam dito para voltarem por onde vieram. Por onde vieram? Pensaram, analisaram e tomaram uma decisão.

Aproximaram-se das formações que bloqueavam a saída. Se o baque fosse forte, certamente desintegraria a bolha e provavelmente morreriam. Solano diminuiu a velocidade, iam bem devagar, como se tatessem no escuro. Achearam-se

bem ao paredão. Estavam de mãos dadas, situação tensa.

Ao se darem as mãos, Estela apertou, sem querer, o botão azul do pulso de Vênus. Eis que ela, de um salto, se separou dos demais em sua bolha lançada a uns cem metros de distância. Solano retrocedeu e apertou o botão branco. Vênus retornou com a respiração presa de susto.

O paredão a poucos metros. Começaram a notar que não havia formas densas. Os reflexos da luminosidade dos raios do centro energético davam a impressão de blocos grandes e menores de rochas e meteoritos. Tudo não passava de poeira espessa. As formas que pareciam sobrepostas eram apenas os contrastes das colorações variadas dos raios iludindo a visão. Talvez isso tudo fosse apenas uma forma espontânea de defesa do lugar para que os seres que penetrassem no ambiente sentissem muitas emoções e desprendessem energia que pudesse ser sugada pelo centro, abastecendo constantemente o local. No caso dos Andrômeda, só vieram em socorro deles porque ocorreu o contrário: o centro perdia energia.

Livres, penetraram na escuridão como se entrassem na luz, fugindo das trevas. O medo outra vez ficou para trás, assim como uma experiência que nenhum deles queria repetir.

Dispunham ainda de meia hora, mas estavam ansiosos pela segurança da nave-planeta e já conversavam sobre seu próximo retorno à Terra.

Envolvidos pela conversa, nem perceberam o que ocorria

a eles. Andavam em círculos. Só se deram conta, quando a velocidade aumentou sem que apertassem o botão para isso.

— O que está acontecendo? Sobressaltou-se Celeste.

— Estamos rodopiando como pião e cada vez com mais velocidade. Tomara que nada nos atinja! Respondeu Solano.

Por mais que Solano tentasse dar direção à bolha, esta parecia estar dominada por força bem maior. Com medo de desintegrar a bolha, Solano deixou que fossem levados. A velocidade em círculos tornava-se insuportável e todos se abraçaram para não baterem um no outro.

— Entramos em um redemoinho poderoso. Devem ser os gases que circulam um núcleo superconcentrado de energia e magnetismo.

— Pai, faça alguma coisa! Pediu Luana.

— Não sei o que, filha.

O desespero ia tomando conta. Os olhos se cruzavam angustiados, os braços enrijecidos pela força de se manterem abraçados. Órion no centro, as meninas ao redor e pai e mãe cercando a todos. Pavor até na respiração ofegante. As esperanças se esvaíam.

Na quase escuridão, Solano pôde ver um bloco maciço que girava com eles, muito perto, prestes a bater. Calou. Caso se chocassem, seria o fim. Apertou mais os pulsos da esposa e se achegou ainda mais às filhas. Fechou os olhos espremendo uma lágrima entre as pálpebras.

Ouviram a explosão e todos se desprenderam. Aí sentiram o formigamento pelo corpo. Talvez fosse assim a passagem para a morte.

Aqueles instantes pareciam eternidade. Onde estariam? Caíram em contato com a realidade material. Olhos abertos: estavam na nave-planeta.

— O que aconteceu?

— Esgotou-se o tempo e eu os trouxe de volta.

Respiraram finalmente.

NOS
LIMITE*
S
DA
COMPREENSÃO

Retornar à Terra era imperativo. O moço da nave deixou claro esse pensamento. Os Andrômeda, contudo, pretendiam usufruir ao máximo os últimos momentos na MENTEM.

Em todo o tempo que permaneceram na nave, o único contato que tiveram foi o mesmo moço. Solano, então, não controlando a curiosidade, perguntou:

— Onde estão os demais tripulantes desta nave-planeta? Gostaríamos de conhecê-los e lhes agradecer, se for permitido.

— Creio que estranhariam muito se os vissem. Não compreenderiam, respondeu o moço.

— Todavia gostaria de saber como são as mulheres da sua civilização.

— Não há gêneros, meu caro Solano.

— E como se reproduzem?

— Não há reprodução.

— Não entendo.

— Somos imortais. Assim como vocês.

— Sim, mas nós morreremos!

— Não, não morrem, transmutam. Nós também passamos por essa fase, há bilhões de anos. Hoje não precisamos mais de corpos e se tomamos forma mais sólida é com alguma finalidade específica, como agora.

— Quer dizer que nós um dia também seremos assim?

— Possivelmente.

— Se querem mesmo ter uma visão de como somos, pre-

vino-os de que provavelmente nada compreenderão de nossa real forma.

— Quer dizer que não são como você é?

— Eu não sou nada, respondeu o moço.

— Como assim?

— O que veem em mim é apenas uma projeção mental, um invólucro de mim mesmo.

Dito isso, o moço fez um gesto largo com o braço direito.

— Acompanhem-me.

Desceram ao centro da nave-planeta.

— Vocês conhecerão os mentores desta nave.

Chegaram a uma sala de amplas dimensões e plenamente branca, mas de suave iluminação.

— Permaneçam aqui e olhem para frente. Assim que se abrir aquela parede, descobrirão a verdade. Antes, porém, tenho que me despedir de todos, pois não precisarão mais de mim.

— E como voltaremos à Terra?

— Tudo já está providenciado. A experiência está no fim.

A família percebeu que haviam se afeiçoado ao moço e Órion, espontaneamente, deu-lhe um beijo na face. Nisso um fato difícil de explicar e entender se deu: o moço emitiu por instantes uma aura luminosa muito clara e seus olhos brilharam muito.

Os Andrômeda dirigiram-se todos ao moço para abraçá-lo. De braços estendidos, fizeram um círculo com o qual envol-

veram o moço. Então sentiram-se tomados de imensa paz e lentamente foram se apercebendo de que estavam abraçados uns aos outros, mas o moço já não estava entre eles. Enquanto o procuravam com os olhos, a parede da frente se desfez.

Um brilho muito forte feriu suas pupilas e tiveram que abaixar o olhar e a cabeça. A luz os envolveu com cores levemente diferenciadas, mas todas muito próximas do branco. Não se viam corpos, apenas luzes, seis luzes. Os Andrômeda desapareceram envolvidos pelo brilho.

O espaço era testemunha de uma comunhão, uma inefável comunhão, como se cada um naquele instante vislumbrasse a eternidade. Não havia passado nem futuro, só um eterno agora. Era como se a larva e a borboleta coexistissem num só tempo e espaço.

Cada um dos Andrômeda sentia-se intensamente vivo, muitas vezes vivo, vida latente querendo viver mais, como que renascendo a cada átimo de tempo. Cada qual sentia-se único, sabia-se único. Contudo, ao mesmo tempo, vivia infinitas e incompreensíveis experiências, como se fossem, cada um, inúmeros seres desdobrados.

O moço tinha razão, seria inexplicável esse encontro. As palavras são fúteis, quando os sentidos não conseguem mensurar o que se sente. A união era tamanha que ousaria dizer que os mentores e os Andrômeda eram os mesmos seres em épocas distantes tendo um impossível encontro.

O elo se desfez. Durou segundos, inesquecíveis segundos. As luzes pareciam agora uma grande bola prateada no espaço, afastando-se rapidamente, entre nuvens espessas. Os Andrômeda olharam para cima, perplexos, enquanto seus pés tocavam a fresca areia noturna da praia docemente.



EPÍLOGO

Eu não podia deixar de contar essa história e peço perdão por só me apresentar agora. Tinha razões para me manter incógnito. Aliás, por várias vezes relutei contra a ideia de me identificar, mas os fatos narrados necessitam de um autor, caso contrário quem acreditaria neles?

Não pense que tudo isso foi sonho, não! O sonho, no meu caso, foi a confirmação dos fatos. Desde criança, tenho sonhado o estranho fenômeno ocorrido no planeta Néctar entre Luana e Uris. Outro dia meu primo contou-me um de seus sonhos e era tal e qual a aventura vivida por Órion e Gengis Khan em Vênus, com todos aqueles loucos exércitos.

No último domingo à noite, mamãe me chamou e, após um preâmbulo, contando que eu já tinha ideia para compreender, contou-me a inacreditável história que narrei.

Eu? Quem sou? Sou o filho mais velho de Luana e meu primo se chama Gengis, filho do tio Órion.

Interessante é a filhinha de tia Estela: nasceu com um olho verde e outro azul.

Tia Vênus continua solteira, provocando suspiros, enquanto vovô e vovó não largam o telescópio. O que será que passa por suas mentes?



Este livro, produzido pela **EDUTPFR**, é financiado com recurso público visando ampla e democrática disseminação do conhecimento de forma aberta e para todos.

Esta edição promove o ODS 4 Educação de qualidade, de assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. E é favorável à preservação de árvores e diminuição da pegada de carbono global.

ISBN 978-65-88596-55-5

Título No Limiar da Imaginação

Formato 16x23 cm

Tipografia Degular

CC BY-NC-ND 4.0

Curitiba

2021

Feito no Brasil

Made in Brazil

“Naquela noite, viram algo mais que a imensa solidão das estrelas, mas não o sabiam e foram dormir, cada qual envolto pela sua imaginação. Sonharam. Todos sonharam suavemente, um voava, outro sorria sem motivo, outro bebia uma água de límpida fonte e todos se banhavam em cascatas.
— Será que vocês não viram um disco voador?”

E assim Juarez Poletto nos leva a Universos de cores, cheiros, sensações e aventuras com a família Andrômeda. Uma viagem emocionante, em que os mistérios de cada lugar vão se abrindo ao leitor gradativamente, de acordo com a imaginação de cada um. Uma narrativa voltada ao público infanto-juvenil, mas que conquista qualquer pessoa, de qualquer idade, que seja capaz de rir, ousar e, sobretudo, sonhar.

Maurini de Souza